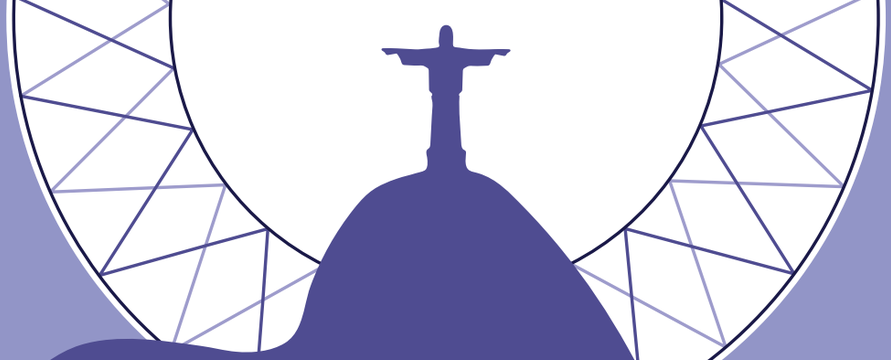


IV FÓRUM

RIO empreendedor

Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora

ACRJ

A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

1809

Associação Comercial do Rio de Janeiro - ACRJ

Diretoria Administrativa

Presidente
Josier Vilar

1º Vice-presidente
Eduardo Rebuzzi

2º Vice-presidente
Alexandre Accioly

Vice-presidente Financeiro
Antonio Carlos Mendes Barbosa

Vice-presidente de Negócios e Sustentabilidade
Áureo Ricardo Salles de Barros

Vice-presidente de Associados
Daniela Duque Estrada

Vice-presidente de Comunicação e Relações Institucionais
Jacyra Lucas

Vice-presidente de Patrimônio
George Neder Cardoso

Vice-presidente de Governança e Compliance
Humberto Mota Filho

Vice-presidente dos Conselhos Empresariais
Juedir Viana Teixeira

Vice-presidente de Inovação e Transformação Digital
Márcio Lacs

Vice-presidente de Gestão e Serviços
Márcio Serôa de Araújo Coriolano

Conselho Superior

Presidente
Ruy Barreto Filho

Vice-presidente
Marta Arakaki

Diretor-Secretário
Marco Antônio Moreira Leite

Conselhos Empresariais

Assuntos Jurídicos, Estratégicos e Tributários
Presidente - Rodrigo Verdini
Vice-presidentes - Gerson Stocco de Siqueira e Fábio Azevedo

Comércio Exterior
Presidente - Célia Gomes
Vice-presidente - Pedro Rafael

Comunidades, Economia Solidária, Microempreendedorismo e Terceiro Setor
Presidente - Célia Domingues
Vice-presidente - Victor Mota

Cultura
Presidente - Sérgio Costa e Silva
Vice-presidente - Reinaldo Paes Barreto

Desenvolvimento Econômico e Mercado de Capitais
Presidente - Paulo Ganime
Vice-presidente - Bruno Siqueira da Hora

Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa
Presidente - Roberto Godinho
Vice-presidente - Maíra Pimentel

Economia Prateada e da Longevidade
Presidente - Fernando Potsch
Vice-presidente - Waldir Leopercio Junior

Ecossistema da Saúde
Presidente - Leandro Tavares
Vice-presidente - Hans Fernando Dohmann

Ecossistema do Turismo
Presidente - Pedro Guimarães
Vice-presidentes - Sávio Neves e João Marcello Barreto

Energia e Transição Energética
Presidente - Gabriel Kropsch
Vice-presidente - Katia Brito Repsold

Esporte, Lazer e Desenvolvimento Social

Governança, Compliance e Diversidade
Presidente - Humberto Mota Filho

Habitação e Desenvolvimento Urbano
Presidente - Sérgio Magalhães
Vice-presidente - Vicente Loureiro

Inovação e Transformação Digital
Presidente - Luis Jairo Junior
Vice-presidente - Augusto Archer

Logística e Transporte
Presidente - Eduardo Rebuzzi
Vice-presidente - Delmo Pinho

Mulher no Ambiente de Negócios
Presidente - Michelle Novaes
Vice-presidente - Taiana Jung

Parque da Orla
Presidente - João Marcello Barreto
Vice-presidente - Leonardo Maciel

Políticas Econômicas
Presidente - Marcilio Marques Moreira
Vice-presidente - Alberto Furuguem

Renovação do Centro e Ordem Pública
Presidente - Carlos Osório
Vice-presidente - Cláudio Padilha de Castro

Segurança
Presidente - Vinícius Cavalcante
Vice-presidente - Fernando Veloso

Sustentabilidade e Economia Circular
Presidente - Roberto Takahashi

Varejo
Presidente - Juedir Teixeira
Vice-presidente - Roberto Werner Mathias

IV FÓRUM RIO empreendedor

Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora

1809
ACRJ
A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

Um Rio seguro, inovador e acolhedor

O 4º Fórum Rio Empreendedor, promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), teve como tema central "O Rio como cidade segura, inovadora e acolhedora" e transformou dois dias de encontros, debates e troca de experiências em uma rica plataforma de ideias, reflexões e propostas para o presente e, sobretudo, para o futuro de nossa cidade e de nosso estado.

Ao reunir especialistas, empresários, gestores públicos, acadêmicos, lideranças da sociedade civil e empreendedores, o Fórum reafirmou uma convicção que orienta a atuação da ACRJ: o futuro do Rio precisa ser construído a partir do diálogo, da cooperação e da capacidade de transformar boas ideias em ações concretas.

Ao longo dos dois dias, foram debatidos temas que interferem diretamente na qualidade de vida da população e na capacidade do Rio de gerar desenvolvimento e oportunidades: saúde, educação, transporte e logística, segurança pública, ordem urbana, mudanças e eventos climáticos, inovação, empreendedorismo e transformação digital no comércio, na indústria e nos serviços.

Mais do que diagnosticar problemas, procuramos discutir caminhos e apontar soluções. Porque acreditamos que uma cidade melhor não se constrói apenas identificando suas dificuldades, mas mobilizando pessoas e instituições capazes de enfrentá-las.

A participação de mais de 2 mil inscritos demonstra o interesse da sociedade em contribuir para essa agenda. Este e-book procura registrar e compartilhar parte da riqueza produzida durante o Fórum, ampliando o alcance das discussões e permitindo que as propostas aqui apresentadas possam inspirar novas iniciativas, políticas públicas, investimentos e parcerias.

Nosso desafio é fazer do Rio de Janeiro um lugar cada vez mais seguro, inovador, acolhedor e atrativo para viver, trabalhar, empreender, investir, estudar, visitar e envelhecer.

O Rio reúne ativos extraordinários: conhecimento, universidades e centros de pesquisa, cultura, criatividade, natureza, capacidade empreendedora, infraestrutura e uma vocação singular para receber pessoas e conectar ideias. Precisamos transformar todo esse potencial em desenvolvimento econômico, inclusão, qualidade de vida e oportunidades para todos.

Este documento não pretende encerrar os debates iniciados no Fórum. Ao contrário: queremos que ele seja mais um instrumento para mantê-los vivos e estimular novas reflexões, compromissos e ações.

O futuro do Rio não é algo que devemos simplesmente esperar. É algo que precisamos construir juntos.

Aproveitem a leitura e preparem-se para estar conosco no 5º Fórum Rio Empreendedor, em 2027, quando voltaremos a reunir pessoas, ideias e propostas em torno de um propósito comum: contribuir para construir o Rio que desejamos e que sabemos ser possível.

Até lá!

Josier Vilar
Presidente da Associação Comercial
do Rio de Janeiro – ACRJ

IV FÓRUM
RIO empreendedor

Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora

ACRJ
A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

NÚMEROS

+2.400	inscrições realizadas
+1.100	participantes
29	painéis principais
53	marcas participantes
+100	palestrantes, moderadores e convidados
+2Mi	em retorno espontâneo de mídia
2 Bi	de audiência potencial alcançada
81	menções na mídia
+40	horas de conteúdo ao vivo
7	espaços interativos simultâneos

- Rio de Negócios
- Rio de Ideias
- Rio de Conversas
- Rio de Sabores
- Rio de Conexões
- Rio de Eficiência - CRT
- Rio de Educação - FGV

Dois dias inteiros de encontros, debates e conexões para pensar o Rio como uma cidade mais inteligente, inclusiva e inovadora.

IV FÓRUM
RIO empreendedor
Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora
ACRJ
A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

RESULTADOS

O Fórum fortaleceu-se como um dos principais espaços de diálogo sobre desenvolvimento econômico, inovação e o futuro do Rio de Janeiro. Entre os principais resultados estão:

1. Reunião de empresários, especialistas, representantes do poder público, acadêmicos e lideranças da sociedade civil em uma programação diversificada.
2. Debates estratégicos sobre inovação, empreendedorismo, educação, ciência, tecnologia, mobilidade, sustentabilidade e desenvolvimento urbano.
3. Ampliação das conexões e oportunidades de negócios por meio dos espaços Rio de Negócios e Rio de Ideias e das áreas temáticas do evento.
4. Expressiva repercussão na imprensa e nas redes sociais, ampliando a visibilidade das discussões e propostas apresentadas durante o Fórum.
5. Fortalecimento das parcerias institucionais e empresariais comprometidas com a construção de um Rio mais competitivo, inclusivo e inovador.
6. Legado social e ambiental, com arrecadação de recursos, doação de roupas e brinquedos e destinação das lonas do evento para a reciclagem.



ABERTURA

Mais diálogo e união pelo Rio de Janeiro



IV Fórum Rio Empreendedor debate caminhos para transformar o Rio em uma cidade mais inteligente, inovadora e inclusiva

O propósito da quarta edição do FÓRUM RIO EMPREENDEDOR foi mais uma vez atrair um público qualificado, fomentar o diálogo entre setores e consolidar a ACRJ como voz ativa e fundamental na construção do futuro do Rio de Janeiro. O evento foi uma realização da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), por meio do Instituto Mauá, com a correalização da Fundação Getulio Vargas (FGV) e apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Este ano, os espaços foram ampliados e as atividades aconteceram simultaneamente em três locais: nas sedes da ACRJ e da Fundação Getulio Vargas (correalizadora do evento), na Rua Candelária, e na própria rua, onde funcionou uma feira com itens de produtores locais para mostrar a riqueza do nosso estado, o Rio de Sabores, promovida pelo parceiro Sebrae Rio.

No prédio da ACRJ, funcionaram o Espaço Rio de Ideias, palco interativo dedicado ao debate, e o Rio de Negócios, palco principal da programação, ambientes imersivos e outras atividades.

Transformar o Rio em uma cidade mais inteligente exige integração, inovação e cooperação entre poder público, iniciativa privada e sociedade. Essa foi a tônica do IV Fórum Rio Empreendedor, promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), nos dias 22 e 23 de julho, no Centro da capital. Nesta quarta edição, o evento superou as expectativas, registrou mais de 2.400 inscrições e reuniu mais de 1.100 participantes ao longo dos dois dias, além de contar com 53 marcas de diferentes portes e segmentos.

Sob diferentes enfoques - da transformação digital à segurança pública, da energia à cultura e ao lazer -, o evento debateu como tecnologia, inovação e gestão integrada podem contribuir para construir uma cidade mais eficiente, conectada e preparada para os desafios do futuro.

A construção de um Rio de Janeiro mais inteligente, inovador, inclusivo e favorável ao empreendedorismo deu o tom da abertura do IV Fórum Rio Empreendedor, promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ). O encontro reuniu lideranças empresariais, representantes do poder público e de instituições para debater desafios e propor soluções para o desenvolvimento da capital e do estado. O Fórum discutiu transformação e inclusão digitais, segurança pública, mobilidade urbana, sustentabilidade, energia, empreendedorismo, economia criativa, infraestrutura e vários outros assuntos.

O presidente da ACRJ, Josier Vilar, abriu o evento que contou com a participação do governador em exercício e presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), desembargador Ricardo Couto; do presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio RJ), Antonio Florencio de Queiroz Junior; do presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Luiz Césio Caetano; e do diretor-superintendente do Sebrae Rio, Antonio Alvarenga.

A presença das principais entidades empresariais do estado reforçou um aspecto central do encontro: a necessidade de maior articulação entre governo, empresas e instituições para enfrentar desafios e superar obstáculos ao desenvolvimento.

Antonio Florencio de Queiroz, ao citar exemplos de ações e programas implementados pela Fecomércio RJ, parabenizou o governador em exercício, destacando que o Propag (Programa de Pleno Pagamento de Dívidas dos Estados) deu um passo enorme graças a um convênio firmado com a entidade que obriga o governo estadual a investir parte dos recursos especialmente em educação profissional técnica. Em relação à Segurança Pública, ele comentou o programa de monitoramento da cidade e o apoio da entidade, que atua para interligar câmeras de hotéis, restaurantes e estabelecimentos comerciais. Dirigindo-se ao governador, Queiroz disse que as pessoas precisam ter expectativas de uma vida melhor e que há situações que não requerem investimentos milionários, mas, sim, um olhar atento para os problemas.

Luiz Césio Caetano citou a Casa Firjan e o DigiTech, projeto desenvolvido no âmbito do Senai, como contribuições importantes para enfrentar os desafios da nova economia. O presidente da Firjan também destacou os estudos realizados pela entidade, que mapeiam potenciais, oportunidades, desafios e obstáculos e têm como objetivo principal oferecer informações e dados relevantes que possam auxiliar empresários em suas decisões, visando ao fortalecimento da economia fluminense.

Já o superintendente do Sebrae Rio, recordando que as micro e pequenas empresas empregam a grande maioria dos trabalhadores do País, disse que só no Rio de Janeiro existem cerca de dois milhões de MPEs, sendo a maior parte delas comandadas por mulheres. Antonio Alvarenga explicou brevemente a atuação do Sebrae, ressaltando que a entidade atende mais de 150 segmentos empresariais e está presente também em muitas comunidades.

Em seu discurso, longamente aplaudido pela plateia, Ricardo Couto defendeu uma aproximação maior entre o poder público e o setor produtivo, com redução da burocracia e criação de condições para estimular investimentos e a abertura de empresas. "O estado precisa deixar de ser um obstáculo e passar a ser um facilitador para quem quer empreender. O estado precisa fomentar e atrair investimentos", afirmou. O governador em exercício também ressaltou que a administração pública deve atuar acima das disputas partidárias e priorizar o interesse coletivo. "O gestor público não pode olhar para bandeiras partidárias, ele tem um compromisso com a população", declarou. Na área fiscal, destacou como objetivo entregar o estado financeiramente equilibrado e sustentável, lembrando que, ao assumir, encontrou uma máquina inchada e uma previsão de déficit de R$ 19,5 bilhões. Ele acrescentou que a intenção é entregar o governo com um superávit de R$ 7 bilhões.

Anfitrião do Fórum, Josier Vilar ressaltou que uma cidade inteligente não se resume à incorporação de novas tecnologias. Para ele, a inovação precisa estar a serviço das pessoas e da melhoria da qualidade de vida. A proposta defendida pela ACRJ é que o Rio avance simultaneamente em segurança, inovação, conectividade, desburocratização e competitividade.

A solenidade de abertura foi encerrada com a apresentação de um vídeo sobre o Ninho do Empreendedor, iniciativa da ACRJ que concentrará diversos serviços, por meio de parcerias estratégicas com instituições públicas e privadas, para simplificar a vida de quem deseja abrir ou expandir micro, pequenos e médios negócios no Rio de Janeiro.



PAINEL

Governo Digital, Transparência Pública e Eficiência na Gestão: Fundamentos da Cidade Inteligente

A transformação digital da administração pública, a transparência na gestão e a integração entre governo, empresas e universidades estiveram no centro do debate mediado pelo jornalista Vinícius Dônola, que reuniu o secretário da Casa Civil do Estado do Rio de Janeiro, Flávio Willeman, o presidente executivo da La Salle Technova Barcelona, Josep Piqué, e o diretor de Estruturação e Projetos da Companhia Carioca de Parcerias e Investimentos (CCPAR), Guilherme Albuquerque. Os participantes defenderam que cidades inteligentes dependem menos da tecnologia em si e mais da capacidade de utilizá-la para melhorar a vida das pessoas.

Na abertura do painel, Vinícius Dônola destacou que a transformação digital vai muito além da simples digitalização de serviços. Segundo ele, trata-se de um projeto de longo prazo, que exige continuidade administrativa e políticas públicas capazes de atravessar diferentes mandatos.

Representando a prefeitura do Rio, Guilherme Albuquerque afirmou que a continuidade na administração municipal tem permitido consolidar iniciativas estruturantes. Como exemplos, citou o Centro de Operações Rio e a integração de sistemas como o Civitas, que fazem o monitoramento em tempo real da cidade, e a implantação de semáforos inteligentes. Para ele, a tecnologia deve ser um instrumento de apoio à gestão, enquanto as pessoas são protagonistas das decisões.

Com a experiência internacional de Barcelona, Josep Piqué defendeu que tudo aquilo que puder ser digitalizado deve migrar para o ambiente digital, reduzindo burocracias e aumentando a eficiência. Segundo ele, cidadãos, infraestrutura e serviços precisam estar conectados para produzir informações que permitam uma gestão inteligente, sempre orientada por um propósito: construir cidades mais inclusivas, sustentáveis e capazes de gerar oportunidades.

Na esfera estadual, o secretário da Casa Civil apresentou iniciativas voltadas à transparência, como a plataforma que permite acompanhar obras públicas em tempo real, com informações sobre orçamento e execução e registros fotográficos. Flávio Willeman anunciou o desenvolvimento de um sistema que dará ampla publicidade às contratações do governo estadual, permitindo que a sociedade acompanhe todas as etapas dos processos administrativos. Para ele, ampliar o acesso às informações fortalece o controle social e aumenta a confiança da população na administração pública.

Os painelistas defenderam maior integração entre estado e municípios para enfrentar desafios como mobilidade urbana, segurança e infraestrutura. Guilherme Albuquerque destacou que políticas públicas mais eficientes dependem da articulação entre diferentes órgãos e esferas de governo, considerando particularmente a capital e sua região metropolitana.

A inteligência artificial foi outro tema de destaque. O presidente executivo da La Salle Technova Barcelona classificou a IA como uma revolução comparável às grandes transformações industriais da história e alertou para a necessidade de regulamentação, governança e uso ético dos dados. Já Flávio Willeman afirmou que o governo do estado precisa incorporar essa tecnologia para reduzir burocracias e tornar os serviços públicos mais eficientes, enquanto Guilherme Albuquerque ressaltou a importância da segurança da informação e da proteção jurídica na utilização dessas ferramentas.

Ao encerrar o debate, Josep Piqué defendeu que a verdadeira transformação digital não consiste apenas em informatizar processos antigos, mas em redesenhar completamente a forma como os serviços públicos são prestados. A conclusão compartilhada pelos participantes foi de que cidades inteligentes são resultado da integração entre governo, iniciativa privada, universidades e sociedade, tendo a inovação como instrumento para promover eficiência, transparência e qualidade de vida.

Espaço RIO de negócios

O principal espaço do IV Fórum Rio Empreendedor reuniu especialistas e representantes dos setores público e privado para debates estratégicos, conexões de alto nível e construção de propostas concretas para o futuro do Rio de Janeiro, especialmente para sua capital. O conteúdo desses painéis integra este e-book oficial do evento, ampliando a memória institucional do Fórum e dando permanência às reflexões geradas durante a programação.



PAINEL

A Experiência das Smart Cities: O Que o Rio Pode Incorporar?

Colocar o cidadão no centro das políticas públicas foi o principal consenso do painel também mediado pelo jornalista Vinícius Dônola, que reuniu Regiane Romano, especialista em Smart Cities; Davi Carreiro, chefe do Civitas Rio; Caio Santos, gerente regional da Gabriel Tecnologia; e Josep Piqué, presidente executivo da La Salle Technova Barcelona.

Ao longo do debate, os painelistas defenderam que uma cidade inteligente vai muito além da tecnologia, exigindo integração entre poder público, iniciativa privada, academia e sociedade para promover desenvolvimento, segurança, inclusão e qualidade de vida.

Regiane Romano desconstruiu um dos conceitos mais difundidos sobre Smart Cities. Uma cidade inteligente não é simplesmente uma cidade digital, explicou ela, destacando que a tecnologia representa apenas um dos pilares desse modelo e deve ser utilizada como instrumento para resolver problemas reais da população. A partir de sua experiência no Smart Campus Facens, ela destacou que mobilidade, sustentabilidade, acessibilidade, energia, urbanismo e inclusão precisam caminhar lado a lado com a inovação. "A tecnologia é um meio, não um fim", afirmou.

A experiência internacional foi apresentada por Josep Piqué, que mostrou como Barcelona estruturou seu modelo de Smart City em cinco dimensões: governo digital, gestão eficiente do espaço urbano, desenvolvimento econômico, transformação social e cidadania digital. Para ele, a digitalização da administração pública precisa ser acompanhada da modernização das empresas, do comércio, do turismo e da capacitação da população. Piqué ressaltou que a inclusão digital, especialmente entre os idosos, tornou-se um desafio estratégico diante do avanço acelerado da inteligência artificial.

Na área da segurança pública, Davi Carreiro apresentou a evolução do Civitas Rio, destacando que a prefeitura já opera uma rede com mais de 13,5 mil câmeras distribuídas pela cidade. Mais do que monitorar imagens, o sistema transforma dados em inteligência para produzir provas digitais, reconstruir trajetos de criminosos, identificar veículos envolvidos em delitos e subsidiar investigações das forças de segurança e do Poder Judiciário. Nesse contexto, a integração de diferentes bases de dados transformou o Centro de Operações da prefeitura em um ambiente permanente de pesquisa, inovação e produção de inteligência.

Representando a Gabriel Tecnologia, Caio Santos mostrou como a integração entre a segurança pública e a privada amplia a capacidade de prevenção e investigação. A empresa utiliza câmeras com leitura automática de placas, inteligência artificial e monitoramento em tempo real para gerar alertas às autoridades e fornecer relatórios completos sobre ocorrências. O executivo afirmou que redes colaborativas de monitoramento aumentam significativamente as chances de elucidação de crimes e reforçam o direito da população de circular pela cidade com mais segurança.

Ao defender o futuro das cidades inteligentes, Regiane Romano destacou que esse processo depende do modelo da hélice quíntupla, reunindo governo, iniciativa privada, academia, sociedade civil e meio ambiente. Ela citou exemplos de cidades chinesas, onde câmeras públicas e privadas estão integradas em grandes plataformas de dados, permitindo que a inteligência artificial apoie decisões em segurança, mobilidade, energia e gestão urbana.

Os debatedores afirmaram que o Rio já possui iniciativas importantes para evoluir como Cidade Inteligente. No entanto, o verdadeiro diferencial estará na capacidade de integrar tecnologia, inclusão, inovação, segurança e participação social, garantindo que a transformação digital produza benefícios concretos para toda a população.



PAINEL

Modelos de Segurança e Ordem Pública em uma Cidade Inteligente

Tecnologia, produção de dados e integração institucional foram os eixos do painel mediado por Camilo D'Ornellas, consultor e gestor de Segurança em Grandes Eventos. Participaram deste painel a professora Carolina Grillo, coordenadora do Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos (Geni) da Universidade Federal Fluminense (UFF); o major Thiago Ferreira, diretor de Sistemas da Polícia Militar (PMERJ); Marcus Belchior, secretário municipal de Ordem Pública; e o major Rodrigo Salgado, subsecretário de Operações da secretaria especial de Segurança Urbana do Rio de Janeiro.

D'Ornellas destacou a necessidade de transformar conhecimento técnico e acadêmico em soluções para melhorar a vida da população. Ao responderem sobre se o aumento do monitoramento torna a cidade efetivamente mais segura, os participantes analisaram avanços e desafios do uso da tecnologia neste campo.

O major Thiago Ferreira afirmou que reconhecimento facial, leitura de placas e sistemas integrados já apresentam resultados expressivos. Segundo ele, o reconhecimento facial contribuiu para mais de 900 prisões, com abordagens mais eficientes e seguras. O oficial também destacou o aplicativo 190 RJ, a Rede Mulher e o 190 Integrado, que conecta câmeras de empresas, municípios e órgãos públicos, lembrando que a tecnologia exige adaptação contínua às necessidades operacionais.

Marcus Belchior ressaltou que uma cidade inteligente precisa ser, antes de tudo, eficiente. "De nada adianta ter milhares de câmeras se não houver governança, metodologia e doutrina", afirmou. O secretário informou que o Rio deverá superar 18 mil câmeras em dois anos. Ele citou ainda a "muralha digital", formada por câmeras e radares com leitura de placas, que é usada para fornecer informações aos órgãos responsáveis pelas investigações, respeitando a proteção de dados.

Carolina Grillo apontou a produção de dados como alternativa mais eficiente à força bruta. Ela apresentou o trabalho do Geni no mapeamento de territórios sob controle ou influência de grupos armados. As informações ajudam o poder público e empresas de serviços essenciais a compreender os efeitos da violência sobre o comércio, o abastecimento e a qualidade de vida. A pesquisadora também defendeu indicadores para avaliar os resultados das operações policiais.

Para Carolina, a integração não deve se restringir às forças de segurança. Educação, saúde, urbanismo, transportes e agências reguladoras precisam participar das políticas públicas de segurança. Escolas e unidades de saúde têm seu funcionamento afetado pela violência, enquanto mercados ilegais ligados à ocupação do solo e aos serviços essenciais ajudam a sustentar grupos criminosos.

Rodrigo Salgado explicou a atuação da Força Municipal no policiamento preventivo em áreas com maior incidência de roubos e furtos. Foram delimitadas 22 subáreas, das quais 12 já contavam com equipes. A distribuição do efetivo é discutida com a PMERJ e o Segurança Presente, evitando sobreposição e ampliando a cobertura. Os agentes são acompanhados por GPS e câmeras corporais, e as ocorrências servem para aperfeiçoar protocolos e treinamentos.

Na conclusão, os participantes convergiram sobre a importância da cooperação entre município, estado, academia e setor privado. O secretário de Ordem Pública ressaltou que políticas públicas precisam ser orientadas por dados estruturados. O major Thiago Ferreira disse que a integração permite à PMERJ acessar mais de 75 mil câmeras na cidade, embora cerca de 300, apenas, pertençam à corporação. As demais são disponibilizadas por outros órgãos públicos, empresas privadas, condomínios e participantes do programa 190 Integrado. O debate mostrou que a tecnologia, por si só, não resolve os desafios da segurança: seus resultados dependem de planejamento, governança, infraestrutura, qualificação e ação coordenada.



PAINEL

Energia Inteligente para o Rio do Futuro: Redes, Resiliência e Novos Negócios

Gabriel Kropsch, presidente do Conselho Empresarial de Energia e Transição Energética da ACRJ, mediou o debate, que reuniu Paulo Coelho, head de Nuclear da Tractebel Engineering, Gilberto Bueno, country manager da Karpowership Brazil, Luisangelo Costa, diretor de Relações Institucionais da Natural Energia e Celso Bastos, especialista em Assuntos Regulatórios e Institucionais do Grupo Urca Energia. Os painelistas discutiram como a transição energética, a segurança do fornecimento e a inovação podem transformar o Rio de Janeiro em referência nacional no setor, destacando oportunidades de investimentos, geração de empregos e descarbonização da economia.

Frisando que a energia é um dos pilares para a construção de uma cidade inteligente, inclusiva e inovadora, Kropsch lembrou que o setor concentra cerca de R$ 580 bilhões em investimentos e ressaltou o protagonismo do estado em petróleo, gás, biogás, energia nuclear e geração de energia. Para ele, o Rio de Janeiro reúne condições únicas para liderar a agenda nacional da transição energética e precisa transformar esse potencial em propostas concretas.

No início do debate, os painelistas comentaram a atuação de suas empresas. Celso Bastos explicou como o Grupo Urca Energia transforma resíduos sólidos urbanos em biometano, combustível renovável usado, inclusive, na operação da Comlurb. Luisangelo Costa destacou os investimentos da Natural Energia em projetos eólicos, solares, gás natural, armazenamento em baterias e data centers voltados à inteligência artificial. Gilberto Bueno explicou o funcionamento das usinas termelétricas flutuantes da Karpowership, ressaltando a rapidez de implantação e sua importância para garantir segurança e estabilidade ao sistema elétrico. Ao apresentar a experiência da Tractebel Engineering em grandes projetos de infraestrutura, Paulo Coelho defendeu a redução da burocracia e a implementação de políticas públicas capazes de consolidar o Rio como um hub nacional de energia.

O debate também abordou as oportunidades para o estado. Celso Bastos apontou a futura licitação de cerca de 1.500 ônibus municipais como uma oportunidade para ampliar o uso do biometano, defendendo a tecnologia como alternativa mais econômica e eficiente na descarbonização do transporte público. Luisangelo Costa reforçou o potencial do armazenamento de energia em baterias, da geração offshore e da conclusão de Angra 3. Gilberto Bueno destacou que o Rio reúne uma das matrizes energéticas mais diversificadas do país e precisa aproveitar essa vantagem para atrair investimentos e gerar empregos. Paulo Coelho também chamou atenção para a retomada de Angra 3, afirmando que a usina está tecnicamente pronta e que sua conclusão pode gerar cerca de 15 mil empregos diretos e indiretos, além de movimentar bilhões de dólares em investimentos e fortalecer toda a cadeia produtiva do setor nuclear.

Os painelistas defenderam incentivos ao uso do biometano e do GNV, investimentos em armazenamento de energia, expansão da geração offshore, conclusão de Angra 3 e um ambiente favorável à instalação de data centers. Também ressaltaram a importância da articulação entre iniciativa privada e poder público. No encerramento, Ruy Barreto Filho, presidente do Conselho Superior da ACRJ, colocou a entidade à disposição para liderar essa agenda junto ao governo, buscando fortalecer políticas públicas e atrair novos investimentos para consolidar o Rio de Janeiro como protagonista da transição energética brasileira.



PAINEL

Garantindo o Acesso a Entretenimento, Cultura e Lazer em Cidades Inteligentes

O painel foi moderado por Lucas Padilha, secretário municipal de Cultura do Rio, e reuniu o arquiteto e urbanista Miguel Pinto Guimarães do projeto do Jardim de Alah, em Ipanema; Yole Mendonça, diretora executiva do Museu de Arte Moderna do Rio (MAM Rio); Eduardo Frick, CEO na Rio Tennis Academy, pela ACRJ; e o designer e também urbanista Guto Índio da Costa, para debater como cultura, esporte, lazer e entretenimento devem integrar o conceito das cidades inteligentes. O consenso foi de que tecnologia e inovação só cumprem seu papel quando ampliam o acesso da população aos espaços públicos, culturais e esportivos, promovendo inclusão, desenvolvimento econômico e qualidade de vida.

Na abertura, Lucas Padilha defendeu uma visão mais abrangente de cidade inteligente. Para ele, além de dados, tecnologia e mobilidade, é fundamental garantir o acesso democrático à cultura, ao esporte e ao lazer. O secretário ressaltou que desafios como segurança, infraestrutura, informação e integração entre instituições públicas e privadas precisam ser enfrentados para transformar o Rio em uma cidade mais inclusiva e fortalecer o Centro da cidade como destino cultural permanente.

Miguel Pinto Guimarães apresentou o projeto de revitalização do Jardim de Alah, concebido ao longo de quase dez anos. Segundo ele, o sucesso da iniciativa dependerá da apropriação do espaço pela população. O projeto vai muito além da recuperação urbanística e está estruturado em sete pilares, entre eles educação ambiental, cultura, integração social e lazer. O arquiteto destacou a criação de um museu de esculturas a céu aberto, com obras de artistas brasileiros e estrangeiros e também de representantes das periferias, colocando o espaço no circuito internacional de arte.

Yole Mendonça destacou que o MAM nasceu integrado à cidade, sem muros ou grades, e se propõe a tornar-se patrimônio afetivo dos cariocas e parada obrigatória para os turistas. Com cerca de 16 mil obras em seu acervo, a instituição mantém programas gratuitos de formação de professores, visitas escolares com transporte e alimentação, ações de acessibilidade e uma programação cultural que já atrai cerca de quatro mil pessoas em um sábado por mês. No primeiro semestre de 2026, o museu registrou aumento de 70% na visitação.

Guto Índio da Costa afirmou que cidades inteligentes precisam ser, antes de tudo, cidades prósperas. Ele defendeu a reumanização dos espaços públicos, a ampliação das áreas verdes e a criação de uma identidade urbana para as cidades brasileiras, citando como exemplo o projeto de revitalização do Forte de Copacabana, desenvolvido em parceria com o Exército Brasileiro e o BNDES, que pretende transformar o espaço em um grande polo multicultural.

Representando a ACRJ, Eduardo Frick destacou o esporte como ferramenta de inclusão, saúde, geração de empregos, turismo e desenvolvimento econômico, recordando que grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos de 2016, fortaleceram a imagem internacional do Rio. O executivo ressaltou a importância da integração entre poder público e iniciativa privada para ampliar a prática esportiva, especialmente nas comunidades. E também lembrou o potencial de eventos esportivos para movimentar a economia e reforçar o sentimento de pertencimento da população.

Encerrando o debate, Lucas Padilha destacou que o Rio vive um momento de grandes projetos nas áreas de cultura, esporte e lazer, citando iniciativas como o Jardim de Alah, o MAM Rio e o Forte de Copacabana. O secretário municipal de Cultura acrescentou ainda que eventos culturais, esportivas e de entretenimento influenciam e ampliam o tempo de permanência dos turistas na cidade.

Após este painel, o presidente da ACRJ, Josier Vilar, encerrou o primeiro dia do IV Fórum Rio Empreendedor afirmando que não existe empreendedorismo sem política e sem uma cidade estar preparada para gerar oportunidades.



PAINEL

O Futuro do Rio como Cidade Inteligente

Abrindo o segundo dia do Espaço Rio de Negócios, este painel reuniu representantes do poder público e da iniciativa privada para debater os desafios e oportunidades para transformar o Rio em uma referência nacional em inovação e desenvolvimento. Mediado pelo presidente da ACRJ, Josier Vilar, o encontro reuniu Marcelo Klein, diretor de Relações Governamentais e Institucionais da Vale, Wagner Victer, gerente executivo de Programas Estruturantes da Petrobras, Vander Giordano, vice-presidente Institucional da Multiplan, o deputado estadual Gustavo Tutuca e o presidente do Conselho Superior da ACRJ, Ruy Barreto Filho.

Vilar homenageou o ex-presidente da ACRJ Ruy Barreto, convidando seu filho, Ruy Barreto Filho, para iniciar os trabalhos. Ruy destacou que uma cidade inteligente precisa oferecer oportunidades para todos e ter a tecnologia como ferramenta de transformação e inclusão.

O presidente da ACRJ reafirmou sua visão de que o Rio deve ser um lugar cada vez melhor para viver, trabalhar, empreender, investir, visitar e envelhecer.

Gustavo Tutuca defendeu que o turismo é a grande vocação econômica do estado e pode se tornar "o novo petróleo" do Rio. Citou o Galeão como hub da Gol, os voos da Emirates com *stopover* e a forte operação da TAP como exemplos para mostrar o potencial de crescimento do setor. Ressaltando que esse avanço depende de inteligência baseada em dados, o parlamentar criticou a falta de informações consolidadas sobre os visitantes. Ele apontou segurança pública e mobilidade urbana como prioridades e defendeu o uso de tecnologia e integração para melhorar os serviços e potencializar o turismo.

Para Wagner Victer, antes de discutir tecnologia é preciso entender o que significa, de fato, uma cidade inteligente. Segundo ele, inteligência está nas atitudes e na capacidade de resolver problemas cotidianos, frisando que não existe cidade inteligente sem energia, infraestrutura, saneamento, segurança e serviços públicos eficientes, e lembrando que cerca de 80% dos investimentos da Petrobras estão concentrados no estado.

Marcelo Klein afirmou que uma cidade inteligente é aquela que proporciona bem-estar à população. Para isso, é preciso reduzir os obstáculos do dia a dia, como os longos deslocamentos, além de criar um ambiente favorável ao empreendedorismo. Também destacou a importância da logística integrada da Vale e defendeu maior articulação entre governos, empresas e sociedade para impulsionar o desenvolvimento econômico.

Vander Giordano ressaltou que cidades inteligentes dependem do comportamento das pessoas e apoiou a ideia de uma cultura baseada na gentileza e na colaboração. O vice-presidente institucional da Multiplan afirmou que tecnologia e inteligência artificial só produzirão resultados quando acompanhadas por mudanças de atitude. Ele comentou oportunidades de inovação nas áreas de saúde, educação, segurança, logística, agricultura e varejo.

Ao encerrar o painel, Josier Vilar destacou que a construção de uma cidade inteligente passa pela organização dos processos e a cooperação entre os diversos setores da sociedade.

Já Ruy Barreto Filho, lembrando que a riqueza do Rio de Janeiro nasceu da cafeicultura, defendeu a retomada dessa vocação como estratégia de geração de emprego, desenvolvimento regional e fortalecimento do turismo rural. Citando o movimento Volta Café, liderado pela ACRJ, o presidente do Conselho Superior da entidade afirmou que um estado inteligente também precisa olhar para o campo e concluiu: "Antes do petróleo, o nosso ouro era o café. Precisamos voltar a valorizar esse 'ouro'."



PAINEL

Construindo Inteligência de Negócios no Rio de Janeiro

Universidades, empresas de tecnologia, centros de pesquisa e o poder público têm diante de si uma oportunidade histórica de transformar conhecimento em desenvolvimento econômico para o estado. Esse foi o foco do debate que reuniu o secretário executivo da prefeitura de Niterói, Felipe Peixoto, Tatiana Roque, ex-secretária municipal de Ciência e Tecnologia da prefeitura do Rio de Janeiro e professora da UFRJ, Ana Paula Vitelli, diretora da Columbia Global Centers e Michel Tauil, presidente da VTEX Brasil B2C.

Destacando que o Rio de Janeiro já possui todos os elementos necessários para assumir o protagonismo na chamada economia do conhecimento, Tatiana Roque lembrou que o estado concentra universidades de excelência, centros de pesquisa, empresas inovadoras e profissionais altamente qualificados. E citou como exemplos a implantação do IMPA Tech no Porto Maravalley, o crescimento das incubadoras instaladas na região, que atualmente abrigam cerca de 70 empresas, e a criação de um consórcio entre universidades fluminenses voltado ao desenvolvimento de projetos de inteligência artificial.

Para a pesquisadora, entretanto, o maior desafio não é produzir conhecimento, mas criar maior articulação entre universidades, empresas e poder público. Em sua avaliação, o Rio já dispõe de inteligência, empreendedorismo e capacidade técnica suficientes para liderar esse processo, desde que consiga integrar esses diferentes atores em torno de uma estratégia comum.

Ao abordar a inteligência artificial, Tatiana ressaltou que o Rio possui um ativo estratégico de enorme valor: seus bancos de dados públicos. Ela citou o Data Lake da prefeitura do Rio como exemplo de uma infraestrutura capaz de impulsionar soluções desenvolvidas localmente. Frisando que "os dados são o novo petróleo", explicou que ferramentas como ChatGPT e Gemini são treinadas justamente a partir dessas informações. Para ela, desenvolver tecnologias próprias fortalece empresas cariocas, cria empregos qualificados e ajuda a reter talentos formados pelas universidades.

Ana Paula Vitelli reforçou que esse potencial também desperta o interesse de instituições internacionais. Presente no Rio desde 2013, a Columbia University desenvolve projetos de capacitação de gestores públicos, formação de lideranças e pesquisas aplicadas em áreas como tecnologia, saúde e mudanças climáticas. Segundo ela, o papel das universidades vai além da produção científica: o conhecimento precisa ser traduzido em soluções práticas que apoiem a tomada de decisões e gerem impacto na economia e na vida das pessoas. Como exemplo disso, Ana Paula apresentou um projeto, desenvolvido em parceria com a Defesa Civil, que utiliza inteligência artificial para alertar moradores de áreas sujeitas a enchentes. A tecnologia emprega chatbots e aprendizado de máquina para enviar avisos preventivos e receber informações da população, permitindo o aperfeiçoamento contínuo do sistema. Atualmente, mais de 50 mil pessoas já são atendidas por esta iniciativa.

Representando a VTEX, empresa carioca presente em 44 países e uma das maiores plataformas globais de comércio digital, Michel Tauil comentou os impactos da inteligência artificial. Para ele, a discussão já deixou de ser se a IA transformará os negócios. Essa transformação já aconteceu. O desafio agora é utilizá-la para gerar ganhos concretos de produtividade, reduzir custos e ampliar receitas. Segundo Tauil, se a tecnologia não estiver contribuindo para esses objetivos, dificilmente estará sendo aplicada de maneira correta.

O executivo explicou que a VTEX tornou-se uma empresa orientada por inteligência artificial, incorporando a automação em praticamente todas as áreas. Como consequência, equipes menores conseguem hoje entregar resultados superiores aos obtidos anteriormente com estruturas muito maiores, demonstrando como a IA vem redefinindo a produtividade nas organizações. Ele defendeu que o Rio aproveite esse momento para reter talentos e fortalecer seu ecossistema de inovação. Em sua avaliação, a inteligência artificial reduz a dependência de grandes estruturas físicas e abre espaço para que empresas e profissionais permaneçam na cidade, impulsionando novos negócios.

No fim do painel, Tatiana Roque destacou quatro áreas em que o Rio pode liderar políticas de inovação: energia, saúde, inteligência artificial aplicada aos desafios urbanos e economia criativa. Ana Paula Vitelli afirmou que nenhuma estratégia de inovação será sustentável sem investimento permanente na formação de pessoas. E Michel Tauil defendeu a capacidade tecnológica brasileira, referência em varejo, logística, meios de pagamento e comércio digital. Para ele, a tecnologia deve transformar modelos de negócio e ampliar a competitividade. Felipe Peixoto concluiu dizendo que o painel deixou claro que o Rio reúne universidades de excelência, empresas inovadoras, centros de pesquisa e uma forte economia criativa para assumir protagonismo na nova economia baseada no conhecimento.



PAINEL

Mobilidade Urbana Conectada em uma Cidade Inteligente: Uma Nova Logística de Transporte de Passageiros e Cargas

A integração dos diferentes modais de transporte, a ampliação da infraestrutura e a construção de uma governança metropolitana foram os principais temas debatidos por Vicente Loureiro, vice-presidente do Conselho Empresarial de Habitação e Desenvolvimento Urbano da ACRJ; Priscila Sakalem, secretária estadual de Transporte e Mobilidade do Rio de Janeiro; Silvia Bressan, diretora do VLT Carioca; Alexandre Monteiro, presidente do RIOgaleão; e Daniel Habib, diretor de Operações do MetrôRio e presidente da LAMSA. O painel reuniu representantes do poder público e das principais concessionárias de transporte para discutir soluções que tornem a mobilidade mais eficiente, sustentável e integrada, contribuindo para a construção de cidades inteligentes.

Na abertura, Vicente Loureiro ressaltou que o Rio de Janeiro possui oportunidades concretas para melhorar seus sistemas de transporte, mas que isso depende de planejamento, diálogo permanente e coordenação entre governos, operadores e sociedade. Segundo ele, a mobilidade deve ser tratada como instrumento de desenvolvimento e de melhoria da qualidade de vida.

Priscila Sakalem afirmou que o diálogo é o elemento central da integração modal, sistêmica e tarifária. Para a secretária, metrô, trens, ônibus, VLT, BRT e barcas precisam atuar de forma complementar, e não concorrente. Ela defendeu a criação de uma autoridade metropolitana de transportes, inspirada em modelos internacionais, responsável pelo planejamento integrado da matriz de mobilidade. Também destacou que nenhum sistema de transporte de massa no mundo é autossustentável sem subsídios, e citou a redução da tarifa das barcas em Niterói como exemplo dos benefícios da cooperação entre estado e municípios. A secretária ainda abordou os estudos para a expansão das linhas 2 e 3 do metrô e da ligação Barra-Recreio, além da futura modelagem das concessões ferroviária e aquaviária.

Representando o MetrôRio, Daniel Habib destacou que a pandemia modificou os hábitos de deslocamento da população, exigindo novas estratégias para o transporte de alta capacidade. Segundo ele, os pilares para a transformação da mobilidade são a integração tarifária, a reorganização da matriz de transportes e a expansão da rede metroviária. Habib afirmou que a estação Gávea deverá ser entregue até o fim de 2028 e reforçou que a extensão da Linha 2 até a Praça XV será decisiva para ampliar a capacidade do sistema e melhorar o atendimento aos passageiros.

Silvia Bressan apresentou o VLT Carioca como um dos principais exemplos de transformação urbana da última década. Além de revitalizar a Região Portuária, o sistema reduziu emissões de carbono e consolidou-se como elo entre aeroporto, metrô, trens, ônibus e terminais marítimos. Ela destacou ainda a evolução da bilhetagem eletrônica, com Pix, biometria facial e integração dos cartões, e também o potencial dos modais leves para fortalecer a mobilidade sustentável.

Alexandre Monteiro apresentou os resultados da recuperação do sistema aeroportuário fluminense, ressaltando o crescimento do Galeão na movimentação de passageiros e cargas e sua consolidação como hub internacional. Para ele, o principal desafio é melhorar os acessos terrestres ao aeroporto, especialmente pela Linha Vermelha e pela Avenida Brasil, garantindo maior previsibilidade aos deslocamentos. Defendeu ainda um planejamento baseado em dados e visão de longo prazo para integrar aeroportos, metrô, VLT e demais modais.

Ao encerrar o painel, Vicente Loureiro reforçou a necessidade de fortalecer os mecanismos de articulação entre governos, operadores e a sociedade para transformar projetos em políticas públicas permanentes.

Presente ao painel, o presidente da ACRJ, Josier Vilar, concluiu que a mobilidade urbana deve ser estruturada em função das necessidades reais do cidadão, colocando-o no centro do planejamento das cidades inteligentes.



PAINEL

Incluindo Micro e Pequenas Empresas no Ecossistema de uma Cidade Inteligente

As micro e pequenas empresas foram apontadas como protagonistas na construção de cidades mais inteligentes, inovadoras e inclusivas neste painel mediado por Marcelo Fiorini, diretor de Produto e Atendimento do Sebrae Rio, que contou com a participação de Joelma Alcântara, fundadora da Jojo Serviços; Lucas Conrado, diretor-executivo do Fundo de Impacto Estímulo; e Jorge Ávila, professor da Unirio e presidente da Redetec.

Para Fiorini, o conceito de cidade inteligente está diretamente relacionado à capacidade de inovar em processos, integrar diferentes atores e criar soluções que melhorem a qualidade de vida da população, tendo os micro e pequenos empreendedores como agentes fundamentais dessa transformação.

Representando empreendedores das periferias, Joelma Alcântara contou como foi a trajetória da Jojo Serviços, negócio social criado há dez anos no Complexo do Alemão para oferecer suporte a moradores e microempreendedores em serviços digitais e burocráticos. A iniciativa surgiu após a crise econômica de 2016 e, hoje, oferece mais de 40 serviços, tendo impactado mais de 50 mil pessoas e contribuído para o retorno de mais de cinco mil trabalhadores ao mercado. Depois, citando a pandemia, ela afirmou que a tecnologia só gera resultados quando acompanhada de qualificação. A digitalização permitiu ampliar o atendimento para outras regiões do Rio de Janeiro e até outros estados.

Jorge Ávila ressaltou que projetos de cidades inteligentes precisam mobilizar universidades, empresas, governo e sociedade para desenvolver soluções para os desafios urbanos. De acordo com ele, a inteligência artificial vai acelerar o empreendedorismo, tornando indispensáveis políticas públicas que incentivem hackathons, encomendas tecnológicas e projetos de inovação capazes de transformar problemas da cidade em oportunidades para micro e pequenas empresas.

Lucas Conrado apresentou a experiência do Fundo Estímulo, criado durante a pandemia de covid-19 para oferecer crédito orientado a pequenos empresários sem acesso ao sistema financeiro tradicional. O modelo combina financiamento, capacitação e mentoria e já concedeu mais de R$ 400 milhões para mais de seis mil negócios em todo o País. Quase 40% dos empreendedores atendidos tiveram ali seu primeiro acesso ao crédito. Ele também destacou o incentivo ao empreendedorismo feminino e o lançamento do Ninho do Empreendedor, plataforma que reunirá soluções em marketing, vendas, contabilidade, gestão e acesso ao crédito em um único ambiente digital.

Ao longo do debate, Joelma chamou atenção para a exclusão digital ainda presente nas comunidades, onde muitas pessoas necessitam de apoio para utilizar plataformas públicas, emitir documentos ou acessar benefícios sociais. Para ela, inclusão digital e capacitação devem caminhar juntas para que a tecnologia realmente transforme vidas.

Jorge Ávila também defendeu a redução da carga tributária sobre equipamentos tecnológicos destinados ao empreendedorismo digital, argumentando que o alto custo desses produtos limita o desenvolvimento da inovação no Brasil.

No encerramento, o presidente da ACRJ apresentou a proposta de criação de um ecossistema integrado de apoio aos pequenos negócios. A iniciativa prevê o lançamento de um livro sobre empreendedorismo digital e de um diagnóstico de maturidade empresarial, direcionando os empreendedores para trilhas personalizadas de capacitação em áreas como gestão, marketing, finanças e acesso ao crédito. Segundo ele, o fortalecimento das micro e pequenas empresas depende da atuação conjunta de instituições como Sebrae, Firjan, Fecomércio e Associação Comercial, ampliando oportunidades e contribuindo para a construção de cidades mais inteligentes e inclusivas.



PAINEL

O Desenvolvimento de Distritos de Inovação pelo Mundo: Transformação Digital em uma Cidade Inteligente

Este debate, que reuniu o secretário municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação, Gabriel Medina, Juliana Bueno, gerente de políticas públicas do Google, Thiago Trabach, CEO do IplanRio e Paulo Duarte, CEO do PD7 Tech Holding, abordou experiências e estratégias para transformar dados, inteligência artificial e tecnologia em desenvolvimento econômico, gestão pública eficiente e melhoria dos serviços para a população.

Gabriel Medina afirmou que a tecnologia é uma prioridade da gestão municipal. Segundo ele, iniciativas como o Rio AI City, a atração de infraestrutura computacional para a cidade e projetos de inovação aberta demonstram que o Rio busca consolidar um ambiente capaz de transformar dados em desenvolvimento. Ele também comentou que as compras públicas podem estimular o ecossistema de inovação.

Representando o Google, Juliana Bueno apresentou os quatro pilares do estudo Sprint para a Inteligência Artificial: capacitação de gestores públicos, mudança de mentalidade para incorporar inovação à gestão, infraestrutura tecnológica baseada em computação em nuvem e uma regulação que incentive o desenvolvimento tecnológico. Segundo ela, esse conjunto pode elevar a eficiência da administração, gerar crescimento econômico e melhorar a qualidade de vida da população.

Juliana também tratou do programa global Valor Local, que inclui o Rio entre as cidades estratégicas apoiadas pelo Google. A iniciativa conecta governos às diversas áreas da empresa, como inteligência artificial, geolocalização, mobilidade, clima e sustentabilidade, para transformar grandes volumes de dados em soluções concretas para os desafios urbanos. Ela destacou o avanço dos agentes de IA e afirmou que o grande objetivo é utilizar a tecnologia para melhorar a vida das pessoas.

Thiago Trabach mostrou como o IplanRio vem estruturando uma política de gestão de dados desde 2021. Responsável por mais de 1.200 sistemas, o órgão utiliza informações integradas para monitorar o transporte público por GPS, fortalecer o Centro de Operações Rio (COR), integrar o histórico clínico da rede municipal de Saúde e desenvolver uma visão 360 graus do cidadão, permitindo que a prefeitura deixe de ser apenas reativa e passe a oferecer serviços de forma proativa.

Segundo Trabach, investir em tecnologia é hoje uma das formas mais eficientes de aplicar recursos públicos. Para ele, o grande desafio é formar profissionais qualificados e criar um ambiente favorável ao compartilhamento de dados e ao empreendedorismo. "O Rio possui uma das bases de dados públicos mais organizadas do Brasil e isso representa um ativo único para quem deseja desenvolver negócios baseados em tecnologia", afirmou.

O secretário municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação exaltou a ideia da criação do distrito de inovação do Centro do Rio, bandeira defendida pela ACRJ, e lembrou o lançamento do Mapa da Inovação, que identificou cerca de 200 atores do ecossistema, entre universidades, startups, investidores e centros de pesquisa, reforçando que o maior desafio é conectar esses agentes.

Já para Paulo Duarte, da PD7 Tech Holding, os empresários precisam incorporar a inteligência artificial em todos os tipos de negócio. Seja uma cafeteria, loja ou empresa de serviços, o uso de dados tornou-se essencial para aumentar a eficiência e a competitividade. Ele ressaltou também a importância do Maravalley e de eventos como o Fórum Rio Empreendedor, que aproximam empreendedores das principais tendências tecnológicas e inspiram novas soluções para os negócios.

Nas considerações finais, Juliana Bueno defendeu a construção de um ecossistema colaborativo entre empresas, governos e universidades para que o Brasil deixe apenas de consumir e passe a produzir tecnologia. Thiago Trabach reforçou que a prefeitura está aberta a desenvolver projetos. Já Duarte convidou startups a conhecerem a PD7 Tech, que atua como aceleradora e investidora de novos negócios.



Espaço RIO de ideias

Neste palco interativo, debates inspiradores, trocas e experiências levaram o público a refletir sobre tendências, inovação e os desafios que o Rio de Janeiro tem pela frente. Com formato mais dinâmico e contemporâneo, este espaço teve como proposta aproximar especialistas, empreendedores, lideranças e público, ao apresentar e discutir ações e ideias, caminhos e oportunidades concretas que podem contribuir para o desenvolvimento econômico e social do Rio de Janeiro. O conteúdo desses debates também faz parte deste e-book.



PAINEL

Planejamento Urbano e Habitacional em uma Cidade Inteligente

Pensar uma cidade inteligente começa antes da tecnologia: passa por planejamento urbano, moradia, mobilidade, acesso a serviços e, também, pela capacidade de aproximar as pessoas das oportunidades. No Rio de Janeiro, onde a desigualdade territorial convive com áreas de forte adensamento, déficit habitacional e grandes deslocamentos cotidianos, o planejamento é decisivo para construir uma cidade mais integrada e inclusiva.

O debate foi moderado pelo arquiteto e urbanista Sérgio Magalhães, presidente do Conselho Empresarial de Habitação e Desenvolvimento Urbano da ACRJ, e reuniu Leta Vieira de Sousa, coordenadora de Programas do ONU-Habitat; Fernando Souza, sócio-fundador da Urbit, empresa de big data geoespacial; e Mário Lopes, secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo de Nova Iguaçu.

O painel mostrou que uma cidade inteligente não se constrói apenas com tecnologia. Sérgio Magalhães defendeu o planejamento como instrumento para articular espaços, infraestrutura e serviços. "É preciso construir onde a cidade já existe, porque se continuarmos a construir na periferia, vamos continuar expandindo a miséria", afirmou, ao sustentar que novas moradias devem ser implantadas onde já existe infraestrutura.

"Cidade inteligente é aquela que pode promover a inclusão, a equidade e transformar os moradores em cidadãos plenos. As instituições de planejamento têm, justamente, a tarefa de articular o conjunto dos espaços, das infraestruturas, dos serviços, dos equipamentos, de tal modo que possa ser compreensível para a população e, sobretudo, para os governos", declarou o presidente do Conselho Empresarial de Habitação e Desenvolvimento Urbano da ACRJ.

A dimensão metropolitana foi destacada por Mário Lopes, que chamou atenção para milhões de pessoas que precisam se deslocar da Baixada Fluminense para trabalhar no Rio, diariamente. "É inconcebível pensar em uma cidade inteligente enquanto a pessoa que quer chegar logo no trabalho e em casa leva cinco, seis horas por dia só nesse deslocamento", afirmou. Ele reforçou a importância do planejamento, considerando a realidade dos municípios que compõem a Região Metropolitana do Rio, ao destacar que a construção de moradias deve contemplar toda uma infraestrutura que promova qualidade de vida à população.

Leta relacionou habitação, infraestrutura e sustentabilidade. Ao comentar sobre a falta de moradias e trazer dados globais sobre o tema, relacionando-o ainda às mudanças climáticas, ressaltou que é essencial, antes de qualquer coisa, atacar, de forma substancial, a questão dos assentamentos informais e das favelas. Para ela, uma cidade inteligente deve ser inclusiva, segura, resiliente e sustentável, com moradia adequada, saneamento e transporte.

Para Fernando Souza, da Urbit, uma cidade inteligente deve buscar eficiência nos fluxos de pessoas, energia, água, recursos econômicos e informação. "O primeiro passo seria organizar bases de dados georreferenciadas e ampliar o acesso público às informações; o segundo, transformar esses dados em diagnósticos, tarefa que ganhou novas possibilidades com a inteligência artificial", disse. E acrescentou que, com o uso da IA, com responsabilidade, isso trará um impacto gigantesco, referindo-se à capacidade de técnicos e especialistas produzirem análises, modelos e indicadores com mais rapidez e menor custo. Ele ressaltou que observatórios de mercados, com informações territoriais, imobiliárias e outras, podem contribuir significativamente para a construção das políticas públicas habitacionais.

Os participantes convergiram para a necessidade de recuperar uma cultura de planejamento contínuo, apoiada em dados e visão metropolitana.



PAINEL

Sustentabilidade e Resiliência Climática em uma Cidade Inteligente

Pensar o futuro de uma cidade, hoje, significa preparar-se para eventos climáticos extremos, proteger sua infraestrutura e reduzir vulnerabilidades sociais e ambientais. A resiliência climática urbana envolve planejamento, prevenção, adaptação e capacidade de resposta e energia, temas especialmente relevantes para uma cidade marcada por encostas, áreas sujeitas a alagamentos, extensa faixa costeira e forte dependência de infraestrutura energética. Nesse contexto, sustentabilidade e resiliência climática vão além da agenda ambiental e passam a integrar a própria estratégia de desenvolvimento da cidade.

Este painel reuniu Ricardo Piquet, diretor-geral e fundador do Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG), que moderou o debate; Alexandre Nogueira, presidente da Light; e Aspásia Camargo, acadêmica, ex-deputada estadual e secretária-executiva do Ministério do Meio Ambiente do governo Fernando Henrique Cardoso.

O debate mostrou que sustentabilidade e resiliência climática são dimensões estruturantes de uma cidade inteligente. Piquet definiu a cidade inteligente como aquela capaz de antecipar riscos, proteger seus moradores e preservar serviços essenciais. Para ele, "a resiliência talvez seja a melhor das qualidades de uma cidade inteligente". No Rio, essa capacidade está ligada também à inclusão, já que eventos extremos atingem mais severamente populações vulneráveis.

Aspásia Camargo defendeu que sustentabilidade não pode ser dissociada do desenvolvimento econômico. "Sustentabilidade não é uma coisa apenas ligada ao meio ambiente. Está primeiramente ligada à economia", afirmou. Para ela, uma cidade sustentável deve estimular o empreendedorismo e atividades produtivas dinâmicas e inclusivas. Também apontou problemas históricos do Rio, como mobilidade, lixo, ocupação irregular e falta de planejamento metropolitano, elegendo a governança como prioridade.

A infraestrutura energética apareceu como elemento indispensável. Alexandre Nogueira lembrou que o avanço da digitalização, da inteligência artificial e da eletrificação aumenta a necessidade de uma rede confiável. "Não adianta ter uma matriz energética farta se não tiver confiabilidade", afirmou. Para ele, é preciso combinar resiliência da matriz, da rede e da operação, e preparar o sistema para eventos climáticos mais frequentes. Nogueira lembrou que a Light anunciou o maior plano de investimento dos últimos 40 anos da empresa. Segundo ele, serão investidos R$ 10 bilhões nos próximos cinco anos (R$ 2 Bi/ano) em distribuição, com os recursos destinados à recuperação, à renovação e à digitalização da rede.. Então, Ricardo Piquet ressaltou que o desafio não está apenas na oferta de energia, mas em garantir sua distribuição nos momentos de crise. Aspásia acrescentou que sustentabilidade envolve capacitação, emprego, moradia e transporte.

Os participantes afirmaram que é vital transformar planejamento em ação, destacando que a tecnologia pode ampliar prevenção, monitoramento e resposta, mas não substitui políticas públicas, infraestrutura e governança.

O painel deixou uma mensagem clara: resiliência não se constrói quando a crise chega. Começa bem antes, com planejamento, infraestrutura preparada, tecnologia, governança e inclusão. Para o Rio, significa enfrentar vulnerabilidades sociais, territoriais e climáticas e aproveitar seus ativos para construir uma cidade mais sustentável e preparada para o futuro.



PAINEL

Questões Tributárias: Soluções Inteligentes para o Pequeno Empresário

Para as empresas, especialmente as pequenas, a questão tributária é onipresente: ela aparece diariamente na formação de preços, no fluxo de caixa, na contratação de profissionais e nas decisões sobre investimento e crescimento. Em um momento de profundas mudanças no sistema tributário brasileiro, simplificar procedimentos e transformar informação em ferramenta de gestão são ações obrigatórias para as empresas. O painel partiu dessa realidade para discutir soluções capazes de aproximar a complexa legislação tributária da rotina de quem empreende, especialmente no comércio.

A conversa foi moderada por Daniel Rocha Maia, do Rocha Maia Advogados, e reuniu o empresário Sérgio Obeid, representante do Polo Saara, Amanda Rodrigues, da Vox Contábil, e Diego Fernandes Ximenes, da Alvarenga Sociedade de Advogados.

A Reforma Tributária foi abordada a partir de uma preocupação central: como tornar as mudanças compreensíveis e viáveis para o pequeno empresário, que muitas vezes acumula as funções de gestor, vendedor e operador do próprio negócio. Daniel Rocha Maia questionou se é possível falar em cidade inteligente diante de um sistema tributário ainda analógico e chamou atenção para a dificuldade de preparação dos empreendedores.

Amanda Rodrigues alertou para o risco de acreditar que as mudanças não serão implementadas. "A reforma tributária é uma realidade", afirmou. Ela também contestou a percepção de que empresas do Simples Nacional não precisarão se preocupar com as novas regras. Para Amanda, a adaptação exige educação empreendedora, conhecimento dos próprios números e maior domínio da gestão. Como muitas respostas surgirão durante a implantação, resumiu: "A gente vai aprender a andar de bicicleta com ela em movimento".

Sérgio Obeid trouxe a perspectiva de quem vivencia a operação de pequenos negócios. O excesso de informações e a complexidade das novas regras, observou, são obstáculos para quem precisa cuidar simultaneamente das vendas e da administração. A saída passa pelo uso da tecnologia para simplificar tarefas. "É uma realidade, não vai mudar, ela veio para ficar e o que nós precisamos agora é tomar decisões inteligentes", afirmou. Para ele, ferramentas digitais devem liberar o empreendedor da burocracia: "Eu não posso perder duas horas e meia para conseguir emitir uma nota fiscal". Apesar das incertezas, o empresário acredita que as dificuldades se tornarão oportunidades, mas, advertiu que os pequenos empreendedores, principalmente, ainda não estão dando a devida atenção ao assunto e que precisam se inteirar para saber como seus negócios serão afetados e como se prepararem para essas mudanças.

Diego Fernandes Ximenes reconheceu que a complexidade da reforma pode produzir dificuldades maiores para os pequenos negócios. Em contrapartida, avaliou que a familiaridade do brasileiro com soluções digitais pode favorecer a transição, citando o Pix e a digitalização dos pagamentos. Destacou ainda uma mudança na relação entre Estado e contribuinte, com maior espaço para cooperação e prevenção.

O painel apontou três instrumentos essenciais: informação, educação e tecnologia. Ao poder público caberia facilitar o ambiente de negócios e ampliar a capacitação; às empresas, antecipar-se às mudanças.

Mais do que uma discussão sobre alíquotas, a Reforma Tributária exigirá mudança de cultura na gestão. Conhecer os números, buscar orientação, incorporar tecnologia e acompanhar as novas regras serão condições importantes para atravessar a transição e preservar a competitividade.



PAINEL

Cidades Inteligentes e um Novo Ambiente de Negócios: o que a Reforma Tributária Muda para Quem Empreende no Rio

GANDRA PIÁ ADVOGADOS
CASTRO BARROS ADVOGADOS

A Reforma Tributária representa uma mudança estrutural no ambiente de negócios brasileiro e impõe às empresas um período de adaptação que envolve planejamento, processos, preços e gestão. Para uma cidade que pretende ampliar sua capacidade de atrair investimentos e estimular o empreendedorismo, compreender os efeitos dessa transformação é parte da construção de um ambiente de negócios mais previsível e competitivo. No Rio, o desafio ganha uma dimensão adicional: transformar as mudanças tributárias em oportunidade para simplificar relações entre empresas e poder público e fortalecer a atividade econômica.

A discussão foi conduzida por Daniela Duque Estrada, vice-presidente de Associados da ACRJ e sócia do Castro Barros Advogados, e teve como painelistas Ana Carolina Gandra Piá de Andrade, do Gandra Piá Advogados; Vinícius Pinho de Oliveira, procurador do Município do Rio de Janeiro; e Nicola Tutungi Júnior, procurador do Estado do Rio de Janeiro. Eles discutiram os impactos da Reforma Tributária na construção de um ambiente de negócios mais competitivo, inovador e preparado para o futuro.

Daniela Duque Estrada abriu o debate ressaltando a necessidade de preparação para a transformação que já está em curso. "O empresariado, principalmente o do Rio de Janeiro, precisa estar preparado para as mudanças", afirmou. Ela relacionou a reforma às cidades inteligentes por conta da incorporação de inovações tecnológicas na arrecadação e na fiscalização.

Ana Carolina Gandra Piá de Andrade destacou o desafio de transformar em realidade uma das principais promessas do novo sistema. "Acredito que a grande promessa da reforma tributária é a simplificação da tributação", observou, frisando que as empresas precisam começar a adaptar seus processos e rotinas.

Nicola Tutungi Júnior apontou avanços, como regras mais claras para o aproveitamento de créditos tributários, mas ponderou que a simplificação dependerá de um período de adaptação de empresas e órgãos públicos. Já Vinícius Pinho de Oliveira demonstrou maior cautela, sobretudo em relação ao setor de serviços, diante da ampliação da base tributável e do possível aumento da carga para algumas atividades.

Outro aspecto destacado foi a necessidade de cooperação entre União, estados, municípios, fiscos, procuradorias e contribuintes. Embora reduza conflitos entre ISS e ICMS, a reforma cria uma nova dinâmica de atuação conjunta. No Rio, as procuradorias do Estado e do Município já mantêm um grupo de trabalho para estudar e harmonizar procedimentos.

A relação entre Fisco e contribuinte também tende a mudar, com maior espaço para conformidade, negociação e prevenção de conflitos. "Maus contribuintes são ruins para todos os contribuintes", afirmou Tutungi, ao defender mecanismos que permitem a regularização das empresas e a continuidade dos negócios.

Com a tributação no destino, municípios terão menor possibilidade de utilizar benefícios de ISS e ICMS para atrair empresas. Nesse cenário, ganham importância quesitos como segurança, mão de obra capacitada, infraestrutura e qualidade dos serviços públicos.

No encerramento do debate, adaptação tecnológica e fluxo de caixa apareceram entre os desafios imediatos. O split payment exigirá mudanças nos sistemas e no planejamento financeiro. O procurador do estado destacou que "a reforma é o momento para o empresário rever todo o seu processo de negócio", incluindo margens, metas e estratégias.

Daniela Duque Estrada finalizou afirmando que o diálogo será o elemento fundamental da transição e da aproximação entre empresas e poder público durante a implantação do novo sistema.



PAINEL

Infraestrutura Logística: O Rio de Janeiro Diante de um Novo Ciclo de Competitividade

O Rio de Janeiro reúne ativos logísticos estratégicos – portos, aeroportos, rodovias e ferrovias – e ocupa uma posição privilegiada no coração do Sudeste. Transformar essa vantagem geográfica em competitividade, porém, depende de infraestrutura adequada, integração dos modais, investimentos e segurança jurídica.

O debate abordou a necessidade de o estado recuperar protagonismo na logística nacional e aproveitar melhor sua conexão com os grandes mercados produtores e consumidores do país, atuando em questões concretas da infraestrutura fluminense.

O painel foi moderado por Eduardo Rebuzzi, 1º vice-presidente da ACRJ e presidente do Conselho Empresarial de Logística e Transporte, e teve a participação de Delmo Pinho, vice-presidente deste Conselho; de William de Aquino, engenheiro de Transportes e sócio-diretor da Sinergia Estudos e Projetos; e de André de Seixas, diretor-presidente da Associação Brasileira dos Usuários dos Portos, de Transportes e da Logística (Logística Brasil).

O debate mostrou que os desafios logísticos do Rio vão além da ampliação de vias e sistemas de transporte. É preciso compreender a infraestrutura como parte da dinâmica econômica e urbana. "Porto não é assunto de operador portuário, porto não é assunto de autoridade portuária, porto é um assunto da sociedade", resumiu André de Seixas. Para ele, a integração entre porto, cidade e população é indispensável para preservar investimentos e garantir o desenvolvimento da atividade.

William de Aquino aplicou a mesma lógica ao transporte urbano de cargas. "Fábricas, portos, aeroportos e estabelecimentos comerciais geram empregos e riqueza. Não podem ser vistos apenas como obstáculos à circulação. Temos que explicar isso à sociedade", afirmou. A logística urbana, observou, exige considerar circulação, trabalho, moradia, consumo e qualidade de vida.

Na mobilidade de passageiros, Delmo Pinho defendeu maior articulação entre modais e, também, entre as esferas de governo. "Não existe melhor transporte, existe o mais adequado para aquela situação." O desafio está em fazer os sistemas funcionarem de forma integrada, inclusive nas tarifas. "Em 1908, já tínhamos integração de transportes com bilhetagem combinada. E agora, nós não temos isso no Rio de Janeiro em pleno 2026", criticou.

Ao tratar do Porto do Rio, André de Seixas destacou a importância do planejamento urbano e da preservação de áreas necessárias à logística. A escassez de retroáreas e os problemas no entorno portuário comprometem a fluidez das operações. O Caju exemplifica essa complexidade ao reunir atividades industriais e portuárias, moradias e intensa circulação.

O painel ressaltou também o papel das entidades empresariais. Eduardo Rebuzzi comentou a responsabilidade delas na transformação das demandas em ações concretas. Para ele, é preciso avaliar "onde e como as entidades falham", ao cobrar do poder público "com objetividade e até com o rigor necessário" essas ações. "O cidadão quer que tudo funcione", resumiu, ao defender maior capacidade de articulação e cobrança por parte da sociedade organizada.

Nesse sentido, ao comentar a mobilização em torno da melhoria do acesso à Avenida Brasil, o presidente da Logística Brasil reforçou a colocação de Rebuzzi: "A gente não pode desistir. Avanços em infraestrutura frequentemente dependem de articulação e persistência para que projetos saiam do papel".

A mensagem final foi de integração. Porto, mobilidade, transporte de cargas e uso do solo não podem ser tratados isoladamente. A competitividade do Rio depende da capacidade de aproximar poder público, empresas e sociedade para transformar demandas históricas em projetos concretos.

Infraestrutura e logística fluminense

O motor da cidade inteligente, inclusiva e inovadora



Eduardo Rebuzzi
Presidente do Conselho Empresarial de Logística e Transporte da ACRJ

A contribuição do Conselho Empresarial de Logística e Transporte da ACRJ para as discussões do IV Fórum Rio Empreendedor consolida uma visão clara: não há como construir uma cidade inteligente, inclusiva e inovadora sem que os pilares que movem sua economia operem com máxima eficiência.

Pensar o Rio de Janeiro do futuro exige conectar a alta tecnologia da informação à realidade da nossa infraestrutura, redesenhando os fluxos de mercadorias e a mobilidade urbana de passageiros sob a ótica da sustentabilidade, da qualidade de vida de sua população e da competitividade econômica.

O grande desafio fluminense reside em superar a própria topografia, os gargalos históricos de saturação urbana e complexidade logística. O "custo Rio" drena o potencial de negócios, agravado pela falta de segurança e pela desordem pública, restringindo o crescimento da economia, incluindo as mais de 11 mil empresas de transporte de cargas (ETCs) instaladas no estado, estas também diretamente impactadas pelo roubo de cargas. Contudo, as oportunidades residem na adoção de conceitos globais de Smart Cities. Uma logística inteligente integra modais e utiliza dados e monitoramento em tempo real para transformar a circulação de pessoas e de produtos.

A segurança jurídica e operacional das vias urbanas, intermunicipais e conexões federais é passo obrigatório e fundamental nessa jornada. É imprescindível e urgente o fortalecimento de um cinturão tecnológico de monitoramento com câmeras de leitura de placas (OCR), aliado ao policiamento ostensivo e dinâmico, focando na inteligência integrada e na fiscalização tática operacional, com uso de motocicletas e drones – veículos que têm mobilidade e capacidade de ação imediata, com agilidade para a identificação de delitos ou movimentações irregulares, inclusive acidentes, protegendo e proporcionando maior segurança às pessoas e cargas transportadas.

No campo macroestrutural, o Rio de Janeiro precisa expandir a capacidade de todos os modais de transporte de pessoas e de cargas, na região metropolitana e no interior do estado, interligando com tecnologia e planejamento a infraestrutura rodoviária, ferroviária, aquaviária e aérea, oferecendo dinamismo, previsibilidade e segurança aos usuários. Ao mesmo tempo, além da operacionalidade mencionada, buscar tecnologias e alternativas energéticas que visem à descarbonização e à proteção ambiental, inclusive com incentivos e parcerias entre o poder público e a inciativa privada.

Ao apresentar estas proposições ao novo governo do estado, a Associação Comercial do Rio de Janeiro reafirma o papel do transporte e da infraestrutura não como atividades secundárias, mas como alicerces indutores do empreendedorismo moderno.

Reduzir riscos, planejar, otimizar e integrar todos os modais de transporte que atuam nas estradas, sobre trilhos, navegam ou voam, em todas as regiões do estado e no fluxo com os demais estados brasileiros e mercados internacionais, atrairá para o Rio de Janeiro grandes investimentos, consolidando nossa posição como o verdadeiro hub logístico e tecnológico do País.

CONSELHO EMPRESARIAL LOGÍSTICA E TRANSPORTE ACRJ
FETRANSCARGA
Logística Brasil Brazilian Shippers Association
PROCEC ENGENHARIA
RIO ÔNIBUS



PAINEL

Comércio Exterior: O Rio de Janeiro Diante de um Novo Ciclo

Com localização estratégica, infraestrutura portuária e aeroportuária e proximidade dos principais mercados do país, o Rio tem condições para ampliar sua participação no comércio exterior. O desafio está em transformar esses ativos em negócios. Este painel discutiu como o estado pode aproveitar o novo ciclo de comércio internacional para recuperar competitividade e atrair investimentos.

A conversa foi moderada por Célia Regina Gomes, presidente do Conselho Empresarial de Comércio Exterior da ACRJ, e reuniu Roberto Godinho, presidente do Conselho Empresarial de Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa da ACRJ e CEO e superintendente geral do IBEU; Ana Carolina Medeiros, gerente de Marketing e Customer Success da Rio Brasil Terminal; Leandro Lopes, gerente comercial de Cargas e Desenvolvimento de Negócios do RIOgaleão; e Márcio Sette Fortes, diretor de Relações Institucionais da Multiterminais. A moderadora abriu o painel ressaltando que modernização aduaneira, simplificação de processos e redução de custos são essenciais para ampliar a competitividade do estado.

Roberto Godinho defendeu maior aproximação entre instituições de ensino e empresas para adequar a formação às necessidades do mercado. “A palavra-chave é integração”, disse ele, afirmando que ensino técnico, inglês especializado e competências voltadas às atividades portuárias, aeroportuárias e logísticas são essenciais. “Tecnologia e sistemas podem ser adquiridos, mas formar profissionais exige tempo. Esse capital humano faz muita falta”. Durante o painel também foi lembrado que o SEST SENAT adquiriu um terreno na Avenida Brasil, próxima à área portuária, onde instalará uma unidade destinada à formação e à reciclagem de trabalhadores.

Ana Carolina Medeiros disse que os investimentos em infraestrutura precisam vir junto com tecnologia, eficiência e integração entre os diferentes elos da cadeia. “Não vai levar quem tiver a melhor infraestrutura, mas, sim, quem tiver a melhor logística, com integração entre todas as operações”, afirmou. Para ela, os investimentos feitos criam condições para o Rio ampliar a movimentação de cargas e recuperar espaço no comércio exterior brasileiro.

Já Márcio Sette Fortes, da Multiterminais, relacionou a modernização da logística ao conceito de cidade inteligente. “Uma cidade inteligente não é apenas uma cidade que está ligada a dados e sistemas digitais. É uma cidade que gera oportunidades”, declarou, afirmando que portos e aeroportos devem avançar como plataformas tecnológicas de serviços logísticos, capazes de atrair usuários e investimentos e gerar empregos de melhor qualidade.

Leandro Lopes ressaltou a importância de antecipar-se às mudanças. Segundo ele, as experiências do RIOgaleão com a implantação do Controle de Carga e Trânsito (CCT) e da Duimp reforçaram a estratégia de preparação prévia para não perder negócios para aeroportos concorrentes. Hoje, as cargas podem ser retiradas no Galeão 24 horas por dia, sem agendamento, porque a infraestrutura comporta a movimentação existente. Ao falar sobre atração de negócios, chamou atenção para a distância entre os avanços alcançados e a percepção externa sobre o Rio. Para ele, é necessário tornar conhecidos pelo mercado os investimentos, ganhos de eficiência e indicadores positivos do estado.

Célia Regina propôs reunir ACRJ, terminais portuários e aeroportuários, transportadores, sindicatos, instituições de ensino e imprensa para estruturar uma estratégia comum de promoção dos avanços e vantagens do Rio de Janeiro.

Por um Rio mais atrativo ao comércio internacional



Márcio Sette Fortes

Membro do Conselho de Comércio Exterior da ACRJ, economista do IBMEC e ex-diretor do Brasil no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Washington, DC.

O Rio de Janeiro encontra, no comércio exterior, enquanto atividade econômica de vulto, um de seus motores de transformação, como cidade inteligente, inclusiva e inovadora. Serviços mais eficientes, aliados à inovação e a investimentos em tecnologia, bem como ao aprimoramento e à formação de mão de obra especializada estão na raiz desse novo Rio.

O Conselho Empresarial de Relações Internacionais e Comércio Exterior da Associação Comercial do Rio de Janeiro, dentro de suas atribuições, vem buscando estimular a integração do empresariado fluminense às dinâmicas globais de mercado. Para isso, ao mesmo tempo em que dialoga com autoridades governamentais, aprofunda relações com o corpo consular e respectivos setores comerciais com representação no Rio de Janeiro. Conjuntamente, vem trabalhando para que o Rio se mostre mais atrativo ao comércio internacional, por meio de serviços logísticos aprimorados, comparáveis àqueles oferecidos por operadores dos hubs globais de referência. A corrente de comércio é função do dinamismo econômico e da qualidade desses serviços aqui oferecidos.

O Rio de Janeiro, capital do estado e antiga capital da República, desde sua fundação, exerceu sua vocação de conectar o Brasil ao mundo. Para além do viés das relações internacionais, a cidade manteve profunda conexão com o interior do estado a partir da Baía de Guanabara. A hinterland fluminense sempre guardou relação estreita com os terminais portuários de uma cidade dinâmica que foi porta de entrada e saída de mercadorias muito diversas. A cidade e seu comércio desenvolveram-se mantendo estreita relação com o mar, por meio do comércio externo. Atualmente, as atividades ligadas ao setor de óleo & gás perpetuam essa dinâmica internacional que se soma ao comércio exterior. Terminais portuários sob regime de concessão pública e o Aeroporto Internacional do Galeão, igualmente licitado, operam cargas destinadas ou oriundas dos mais diversos países.

Hoje, essa posição estratégica ganha novo sentido no debate das cidades inteligentes, inclusivas e inovadoras. Uma smart city do século XXI não é apenas uma cidade conectada a sensores. A inclusão deve se processar por intermédio da tecnologia e do dinamismo econômico que amplia a oferta de postos de trabalho de qualidade para reduzir desigualdades e inserir a cidade, de forma competitiva, nas cadeias globais de valor. E é aí que o comércio exterior se conecta a esse novo perfil de cidade inteligente.

O estado do Rio de Janeiro vem se mantendo como um dos principais participantes no total das exportações brasileiras, com 13% do total movimentado pelo país, no acumulado anual até abril de 2026. O destaque fica para petróleo, gás, produtos siderúrgicos, máquinas e equipamentos, partes de motores e turbinas para aviação. O comércio exterior alavanca a economia do estado, porque força a cidade a aprimorar sua cadeia produtiva e de comércio.

Para exportar mais e melhor, o Rio precisa de logística eficiente, mão de obra qualificada, regulação moderna e empresas capazes de inovar. Logística inteligente, com a adoção de métodos mais racionais e tecnologia de última geração, é exemplo de fator de atratividade de investimentos estrangeiros de capital produtivo nos setores industrial e de serviço. Também contribuem para a atração de cargas a procura por uma maior eficiência logística. Quando o exportador carioca ganha agilidade e se beneficia de custos reduzidos, o produtor e o comerciante do Grande Rio e adjacências também ganham. O comércio exterior pujante interioriza a renda.

Os desafios das demais áreas são grandes, mas conhecidos. A economia 4.0 exige profissionais em ciência de dados, cibersegurança, biotecnologia e energias limpas. Além disso, uma cidade inteligente que não é inclusiva, não maximiza resultados. A qualificação precisa chegar às populações menos atendidas e, a inovação, ao pequeno empreendedor. O rico ecossistema de universidades e de centros de pesquisa sediados na capital pode contribuir sobremaneira à consecução dos objetivos aqui mencionados. Uma cidade inteligente sem desenvolvimento social constitui-se em um locus de disfuncionalidade. Uma cidade inclusiva, mas sem inovação, não gera empregos sustentáveis. Uma cidade inovadora, sem comércio exterior pujante, se fecha sobre si mesma. O Rio conta com a oportunidade ideal para obter os melhores resultados dessas três dimensões.

Ao apostar em tecnologia aplicada à redução de desigualdades e ao fazer uso de sua vocação internacional e dos avanços logísticos recentemente implementados, poderá atrair mais investimentos e conhecimento. Com isso, a cidade poderá conduzir seu destino como protagonista que é. O Rio inteligente, inclusivo e inovador é mais que mero projeto. É esforço de todos.

CONSELHO EMPRESARIAL COMÉRCIO EXTERIOR ACRJ

ibeu corporate

RIO BRASIL TERMINAL

RIOgaleão



PAINEL

Rio em Movimento: Inovação, Inteligência e Transformação para o Futuro da Cidade

Uma cidade inteligente exige capacidade de inovar, integrar conhecimento e transformar novas soluções em benefícios concretos para a população. No Rio, essa agenda passa também pela articulação entre empresas, instituições de pesquisa, cultura, educação e poder público.

Moderado por Andréa Löfgren, diretora executiva do Instituto Mauá (braço operacional de projetos da ACRJ), o painel reuniu Glauco Paiva, gerente executivo de Comunicação e Marca da Shell Brasil, e Jorge Peron Mendes, gerente de Sustentabilidade da Firjan.

Glauco comentou a experiência da Shell na cidade, destacando sua atuação em iniciativas culturais e de ciência e tecnologia, como na parceria com o Museu do Amanhã, relacionando inovação, sustentabilidade e formação de novas gerações. Já Jorge Peron explicou que sua área na Firjan atua justamente na interseção entre sustentabilidade, inovação, eficiência regulatória e competitividade, dimensões fundamentais para pensar o futuro do estado.

Os debatedores discutiram os ativos do Rio e os entraves que ainda limitam sua competitividade. Glauco Paiva destacou oportunidades em turismo, economia criativa, inovação e energia, mas apontou a segurança pública e institucional como um dos principais desafios. No setor de combustíveis, chamou atenção para prejuízos causados pelo comércio ilegal, pela sonegação e pela atuação do crime organizado em partes dessa cadeia.

Jorge Peron Mendes também relacionou segurança à atração de investimentos. Em contraponto aos obstáculos, apresentou o Panorama de Investimentos da Firjan, segundo o qual o estado deverá receber R$ 537 bilhões nos próximos três anos, sendo R$ 324 bilhões já em andamento. Citou ainda o Custo Rio, estudo sobre os efeitos da burocracia, insegurança e outras ineficiências para os empreendedores. Ele relacionou ainda a competitividade à capacidade do poder público de oferecer um ambiente menos burocrático e mais previsível para quem investe.

Para o executivo, instituições como a Firjan e a ACRJ têm papel importante na identificação de entraves que possam comprometer investimentos e oportunidades.

O licenciamento ambiental foi outro ponto central. Peron comentou o projeto INEA 4.0, voltado à modernização do processo, com redução de prazos e maior transparência, enquanto Glauco Paiva ponderou que agilidade não significa menor rigor: "Não podemos confundir robustez e solidez de um processo com a morosidade de um processo". Eficiência regulatória, defendeu, é parte da competitividade necessária à atração de capital.

As micro e pequenas empresas (MPEs) também ganharam destaque. Peron informou que cerca de 90% dos CNPJs associados à Firjan pertencem a esse segmento, fundamental nas cadeias de fornecedores das grandes companhias. Qualificação, governança e boas práticas de gestão podem aumentar a capacidade das MPEs de sobreviver e crescer.

Ao abordar investimento social, Glauco defendeu que as empresas identifiquem suas vocações e atuem com planejamento. Citou o Iniciativa Jovem, programa da Shell de apoio ao empreendedorismo, ressaltando que os resultados podem ser notados na formação de profissionais e na transformação de trajetórias. Nesse sentido, o capital humano foi apontado como um dos maiores ativos do Rio. "Quando uma cidade cria condições favoráveis ao investimento, enfatiza também a qualificação das pessoas que vão viabilizar as inovações", afirmou Andréa Löfgren, ao defender que o desenvolvimento de um ecossistema inovador precisa caminhar junto com a preparação do capital humano.

O painel mostrou que inovação depende de tecnologia, mas também de segurança, qualificação, instituições eficientes e condições competitivas para transformar potencial em desenvolvimento.



PAINEL

A Valorização da Arte e da Cultura no Empreendedorismo Indígena

Incluir a cultura indígena na construção de uma cidade contemporânea significa reconhecer que inovação e desenvolvimento também passam pela diversidade de conhecimentos, expressões artísticas, modos de vida e relações com o território. Em um país cuja identidade foi profundamente marcada pelos povos originários, essa valorização representa uma oportunidade de ampliar o olhar sobre cultura, sustentabilidade, empreendedorismo e inclusão. Para o Rio, cidade que abriga diferentes manifestações culturais e tem uma história marcada por encontros entre povos, o tema ganha dimensão ainda maior.

O painel foi moderado pelo arquiteto e urbanista Manoel Vieira, secretário municipal de Trabalho e Renda do Rio, e teve como painelistas Toni Lotar, indigenista reconhecido por sua atuação em defesa dos direitos civis e sociais dos povos indígenas; e o artesão e empreendedor indígena Jirú.

Ao abrir o debate, Manoel Vieira defendeu que a cultura indígena seja reconhecida de forma viva, e não museificada. Artesanato, produção artística e turismo de experiência, exemplificou, são fontes de renda, formas de preservar identidades e tradições. O secretário apontou como desafio ampliar o acesso dos empreendedores indígenas ao comércio digital, permitindo que sua produção alcance novos mercados.

Vieira citou iniciativas realizadas no Rio, como as feiras no Parque Lage e no Museu da República e cursos de empreendedorismo, além de parceria com os Correios que pode facilitar logística e comercialização. Para ele, superar essa fronteira virtual representa uma importante oportunidade de ampliar renda e autonomia.

Indigenista desde 1975, Toni Lotar mostrou como o empreendedorismo pode ser compreendido a partir da própria organização tradicional das comunidades. "Os indígenas, como vivem, são empreendedores diários", afirmou, referindo-se a atividades como plantar, pescar, construir moradias e produzir utensílios. Ressaltou ainda que a arte indígena está integrada ao cotidiano: objetos destinados ao uso também incorporam beleza, simbolismo e identidade.

Essa relação entre cultura, trabalho e geração de renda ganhou dimensão concreta no relato de Jirú, indígena de origem Pataxó e Tupinambá, nascido e criado em aldeia na Bahia. Segundo ele, práticas hoje associadas ao empreendedorismo fazem parte há muito tempo da vida comunitária, marcada pela produção e troca de alimentos, sementes e artesanato. A dificuldade surge quando é preciso levar essa produção para além das aldeias.

Jirú ressaltou também o significado espiritual dos objetos produzidos. Em vez de defini-los apenas como biojoias, prefere chamá-los de "patuás de proteção", expressão que traduz sua ligação com os encantados e a floresta. Com formação em ourivesaria e gemologia na Alemanha, ele defendeu mais oportunidades para que artesãos indígenas apresentem e comercializem seus trabalhos.

O Parque Lage foi apontado como exemplo dessa abertura de espaços. Jirú relatou que indígenas de diferentes povos podem comercializar gratuitamente seus trabalhos no local. E Lotar acrescentou que a iniciativa também deu origem a feiras culturais com artesanato, cantos e danças, nas quais os próprios indígenas assumem o protagonismo.

O painel evidenciou que preservar a cultura indígena e criar oportunidades econômicas são objetivos complementares. Ampliar espaços de exposição, com tecnologia, formação e canais de comercialização, pode fortalecer a autonomia dos povos originários, preservando os conhecimentos e valores que conferem identidade à sua produção.



PAINEL

Inteligência Artificial na Prática: Como a IA Está Impactando a Melhoria de Produtividade dos Negócios

A inteligência artificial faz parte, cada vez mais, da rotina das empresas, influenciando processos, atendimento, análise de informações, marketing e produtividade. O desafio agora é compreender onde ela gera valor, como preparar equipes e como incorporar a inovação sem perder de vista questões como ética, privacidade e qualidade das decisões.

O painel foi moderado por Juedir Teixeira, vice-presidente dos Conselhos Empresariais e presidente do Conselho Empresarial de Varejo da ACRJ, e contou com Bruno Moreira, cofundador e CEO da Global IA; Mário Pinto, diretor comercial e de Marketing da Nadir Figueiredo; e Edu Fullen, CIO E CTO da Americanas S.A.. A presença de executivos ligados à tecnologia e a grandes operações empresariais levou ao debate a perspectiva prática sobre como a IA pode se converter em ganho de eficiência e produtividade.

Bruno Moreira destacou o avanço dos agentes de IA, citando aplicações em áreas financeiras, comerciais e de recursos humanos, e explicando que a automação libera profissionais de atividades repetitivas para funções que exigem análise, relacionamento e decisão. Ele frisou que os ganhos proporcionados pela IA dependem de começar a experimentar a tecnologia e aprender durante o processo. “Comecem, porque isto fará vocês passarem por todo esse processo de vários erros”, afirmou. Bruno lembrou que os casos bem-sucedidos apresentados no painel resultaram de testes e aprendizado acumulados, e não de implantações imediatas.

Na Americanas, Edu Fullen explicou que a adoção da IA está estruturada em três frentes: produtividade individual, aceleração de processos e transformação do negócio. No e-commerce, a IA já responde mais de 80% dos chamados, com atendimento 24 horas e índice de aprovação de 84%. A empresa também testa agentes para agendamento de entregas nos centros de distribuição. Ele ressaltou a importância da governança: “As IAs erram, alucinam; razão pela qual processos críticos continuam exigindo validação humana.”

Mário Pinto comentou aplicações de IA na Nadir que vão da preparação de apresentações à produção industrial, marketing e vendas. Na fábrica, sistemas analisam imagens dos produtos e identificam deformidades, permitindo interromper rapidamente a produção e reduzir perdas. Na área comercial, a tecnologia cruza informações para identificar o potencial dos clientes e direcionar investimentos e esforços de vendas. O executivo alertou que empresas que permanecerem fora desse movimento terão dificuldade crescente de competir.

O avanço da IA traz preocupações sobre formação profissional. Fullen questionou como serão preparados os especialistas do futuro se parte das atividades exercidas por profissionais iniciantes for assumida pela tecnologia. Mário Pinto dividiu essa preocupação, enquanto Bruno registrou o risco de delegar às máquinas tarefas importantes para o desenvolvimento da capacidade analítica.

Convidada a participar do debate, Regiane Romano, especialista em Cidades Inteligentes, disse que a qualidade da IA depende dos dados que a alimentam e da capacidade humana de avaliar seus resultados. Defendeu formação sólida, pensamento crítico e aprendizado permanente. “Se eu não souber perguntar, como vou ter boas respostas? Se eu não souber analisar essas respostas, como vou saber se aquilo que está sendo dito está correto ou não?”

Juedir Teixeira lembrou que conhecimentos adquiridos há poucos anos podem rapidamente se tornar ultrapassados. E sintetizou o painel: a tecnologia faz parte dos negócios e continuará avançando. Tão importante quanto dominar as novas ferramentas será manter a capacidade de aprender e de utilizar a IA para aumentar produtividade e competitividade.

O varejo e a construção de um Rio mais inteligente, inclusivo e competitivo



Juedir Teixeira
PhD. Presidente do Conselho Empresarial de Varejo da ACRJ

Falar sobre o futuro do Rio de Janeiro é, necessariamente, falar sobre empreendedorismo, inovação e desenvolvimento econômico. E poucos setores possuem uma conexão tão direta com esses temas quanto o varejo.

Presente em todas as regiões da cidade, o varejo não apenas movimenta a economia. Ele ocupa espaços urbanos, gera empregos, promove inclusão social, estimula investimentos e contribui para a construção de cidades mais vivas, seguras e atrativas para moradores, trabalhadores e visitantes.

É sob essa perspectiva que o Conselho Empresarial de Varejo da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) participa das discussões do IV Fórum Rio Empreendedor, cujo tema central – “Rio, cidade inteligente, inclusiva e inovadora” – dialoga diretamente com os desafios e oportunidades que se apresentam para o desenvolvimento da nossa cidade.

Ao longo dos últimos anos, observamos profundas transformações no comportamento dos consumidores, no avanço das tecnologias e na forma como as pessoas se relacionam com os espaços urbanos. As cidades mais competitivas do mundo compreenderam que desenvolvimento econômico e qualidade de vida caminham juntos.

Uma cidade inteligente não se resume à utilização de tecnologia. Trata-se de criar ambientes capazes de gerar oportunidades, atrair investimentos, estimular a inovação e oferecer melhores condições para que empresas e cidadãos prosperem.

Nesse contexto, o varejo exerce um papel estratégico.

Quando uma rua comercial é revitalizada, quando o comércio local é fortalecido, quando empreendedores encontram condições favoráveis para investir, toda a dinâmica urbana é beneficiada. A circulação de pessoas aumenta, novos negócios surgem, empregos são gerados e os espaços públicos ganham vitalidade.

O Centro do Rio de Janeiro representa um exemplo emblemático desse desafio. Detentor de um dos mais importantes patrimônios históricos, culturais e empresariais do País, o Centro possui enorme potencial para se consolidar como um grande ambiente de inovação, negócios, turismo, cultura e consumo.

Para isso, é fundamental promover uma atuação integrada entre poder público, iniciativa privada, entidades empresariais, universidades e sociedade civil organizada. A revitalização urbana exige visão de longo prazo, segurança jurídica, melhoria da mobilidade, incentivo ao empreendedorismo e valorização dos espaços de convivência.

O Conselho Empresarial de Varejo da ACRJ acredita que o desenvolvimento sustentável do Rio passa pelo fortalecimento do ambiente de negócios e pela construção de uma cidade que estimule a atividade empreendedora em todas as suas dimensões.

Defendemos um varejo cada vez mais preparado para os desafios da transformação digital, mais conectado às demandas dos consumidores, mais eficiente em sua gestão e mais integrado às agendas de inovação e sustentabilidade.

Da mesma forma, acreditamos que a inclusão econômica deve ocupar posição central nesse processo. Apoiar pequenos negócios, estimular a capacitação profissional, ampliar o acesso ao conhecimento e fomentar o empreendedorismo são iniciativas que contribuem diretamente para a redução das desigualdades e para o fortalecimento da economia local.

O Rio de Janeiro possui vocação empreendedora, criatividade reconhecida mundialmente e uma capacidade singular de gerar conexões entre pessoas, negócios e oportunidades.

Transformar esse potencial em desenvolvimento concreto exige diálogo, cooperação e ação coordenada.

O Conselho Empresarial de Varejo da ACRJ reafirma seu compromisso de participar ativamente dessa construção, contribuindo para que o Rio de Janeiro se consolide como uma cidade mais inteligente, inclusiva, inovadora, empreendedora e competitiva, capaz de gerar prosperidade para as atuais e futuras gerações.

CONSELHO EMPRESARIAL VAREJO ACRJ

Global IA



PAINEL

Como Empresas Orientadas por Dados Estão Conquistando Produtividade, Clientes e Vantagens Competitivas

Em um mercado cada vez mais competitivo, dados deixaram de ser apenas registros de operações para se transformar cada vez mais em ativo estratégico. Saber coletar, interpretar e utilizar informações permite compreender melhor os clientes, identificar oportunidades, aumentar produtividade e tomar decisões mais precisas. Para empresas do Rio, incorporar essa cultura pode ser determinante para competir em mercados cada vez mais digitais. O debate mostrou que inteligência de dados não se resume à inteligência artificial e exige estratégia, capacidade analítica e participação humana.

Participaram deste painel, Luis Jairo de Souza Junior e Augusto Archer, respectivamente presidente e vice-presidente do Conselho Empresarial de Inovação e Transformação Digital; Bruno Moreira, CEO da Global IA; Fabiola Sant'Ana, fundadora e CEO da Shopper Supply e da Startup UMAMI; Robert Janssen, presidente da Federação Assespro RJ; e Leonardo J. Melo, fundador e diretor executivo do RioIA.

Ao abrir o painel, Luis Jairo destacou que os dados estão entre os ativos mais valiosos das empresas, por apoiarem decisões, produtividade, conhecimento sobre os clientes e vantagem competitiva. "Vamos falar um pouco sobre as empresas que estão utilizando dados e conquistando vantagem competitiva com eles", disse.

A organização das informações apareceu como condição básica para extrair valor desse patrimônio. Fabiola Sant'Ana chamou atenção para dados dispersos em planilhas, sistemas e departamentos que não conversam entre si. Antes de aplicar IA, defendeu, é preciso compreender, sanear e centralizar essas informações, ressaltando que é fundamental construir uma cultura de orientação por dados e preservar a criticidade humana.

Bruno Moreira reforçou a importância da velocidade e da qualidade da informação. Ao recordar sua experiência na indústria, relatou situações em que precisava reunir dados de diferentes fontes para avaliar investimentos em prazos curtos. Hoje, a tecnologia acelera esse processo e torna as decisões mais consistentes, sem eliminar o julgamento humano.

Augusto Archer alertou para o risco de começar pela ferramenta e não pelo problema. Antes de investir em IA, afirmou, a empresa precisa identificar gargalos, dimensionar seus custos e avaliar onde a tecnologia pode efetivamente gerar retorno. A IA deve ser ferramenta, não solução automática para problemas ainda não compreendidos.

Leonardo J. Melo ampliou o debate para o desenvolvimento econômico. A transformação digital pode elevar a produtividade industrial, mas exige processos e articulação entre empresas, startups, universidades e governo. Ele sublinhou que aproximar soluções tecnológicas dos desafios da indústria fluminense é uma estratégia vital para fortalecer a competitividade do estado.

Robert Janssen comparou os dados ao petróleo: seu valor depende de "refinamento". Segundo ele, mais do que acumular informações, é preciso estruturá-las e transformá-las rapidamente em inteligência capaz de orientar decisões, gerar inovação e produzir valor. Ele destacou ainda que o Rio de Janeiro tem como privilégio sua pluralidade e sua capacidade de superar barreiras culturais.

O painel foi encerrado com uma mensagem prática: a IA potencializa resultados, mas não corrige bases desorganizadas ou análises sem criticidade. A vantagem competitiva começa por organizar as informações que a empresa já possui, preparar pessoas para interpretá-las e aplicar a tecnologia onde ela possa, de fato, melhorar processos e decisões.

Rio

Da vocação inovadora à inovação mensurável



Augusto Archer
Vice-Presidente do Conselho de Inovação e Transformação Digital

A Associação Comercial do Rio de Janeiro atravessou dois séculos porque soube, em cada época, ler o seu tempo. Ler o tempo hoje significa reconhecer que inovação deixou de ser discurso de vanguarda para se tornar condição de competitividade das cidades. É desse entendimento que parte o Conselho de Inovação e Transformação Digital da ACRJ ao se somar às discussões do IV Fórum Rio Empreendedor.

O Rio reúne uma combinação rara de ativos: energia, óleo e gás, tecnologia, economia criativa, saúde, turismo e um mercado consumidor qualificado. O paradoxo é conhecido. Apesar dessa riqueza, os dados sobre ambiente de negócios, startups, investimentos e gargalos regulatórios permanecem fragmentados entre fontes públicas, privadas e institucionais. Falta ao Rio uma leitura integrada do próprio potencial. E o que não se mede não se prioriza, não se corrige e não se comunica a quem investe.

Esse é o desafio central que o Conselho enxerga: a cidade não sofre por falta de iniciativas, mas por falta de método comum para avaliá-las. Programas surgem, editais se multiplicam, polos de inovação se anunciam, mas sem métrica compartilhada não há como saber o que funciona, o que merece escala e o que apenas se repete. Cidade inteligente não é a que acumula tecnologia, e sim a que decide com base em evidência. É para enfrentar essa lacuna que o Conselho desenvolve o Observatório ACRJ de Inovação. A proposta é gerar inteligência para conectar, monitorar e acelerar o ecossistema carioca, organizando a leitura da cidade em seis eixos estratégicos: talento e educação, infraestrutura digital, ambiente de negócios, pesquisa e tecnologia, territórios econômicos e competitividade e políticas públicas. No centro da iniciativa está o Inovômetro, um índice próprio de maturidade que traduz o estágio da inovação carioca em uma escala clara, do nível iniciante ao de liderança, permitindo acompanhar avanços e recuos ao longo do tempo.

O valor de um instrumento assim está tanto no dado quanto na governança que o sustenta. O Observatório se estrutura em um comitê estratégico, que orienta a agenda, um comitê técnico, responsável pela metodologia e pela qualidade analítica junto a universidades, e uma coordenação executiva. É essa arquitetura que separa um painel de dados de uma peça de marketing, e que dá credibilidade para dialogar com governo, academia e investidores.

Esse esforço não se faz isolado. Dialoga com os demais Conselhos da ACRJ, com programas de inteligência artificial e economia digital que florescem na cidade e com atores que já têm assento neste Conselho. Inovação inclusiva se constrói em rede, conectando quem produz conhecimento, quem investe e quem legisla.

O caminho é objetivo e já tem trajetória. Partiu do diagnóstico e do mapeamento do ambiente de negócios, avança para o fortalecimento do ecossistema e da conexão entre universidade e empresa, e mira a consolidação do Rio como hub de negócios reconhecido nacionalmente. Cada etapa depende de uma condição simples: decidir com base em evidência e garantir que o ganho de competitividade se traduza em inclusão produtiva, gerando trabalho qualificado nas diversas regiões da cidade, e não apenas em ilhas de prosperidade.

Um Rio mais inteligente, inclusivo e inovador não nascerá de um evento nem de uma única gestão. Será a soma consistente de decisões informadas ao longo do tempo. O papel do Conselho de Inovação e Transformação Digital é oferecer à cidade os instrumentos para tomar essas decisões com lucidez, convertendo inovação em política e competitividade em desenvolvimento que chega a todos.

CONSELHO EMPRESARIAL INOVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL ACRJ

MCPlus Sua empresa de TI

Cit4Life

MAXXI AUTOMAÇÃO



PAINEL

Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa: Pilares para um Rio mais Competitivo, Inclusivo e Inovador

Tecnologia e inovação só produzem transformação sustentável quando acompanhadas de pessoas preparadas para lidar com novas competências, profissões e formas de organização do trabalho. Para o Rio de Janeiro, que busca ampliar competitividade e atrair negócios, investir em educação e desenvolvimento humano é investir na capacidade de suas empresas de inovar.

Moderado pelo presidente do Conselho Empresarial de Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa da ACRJ, Roberto Godinho, o painel reuniu a vice-presidente do Conselho, Maíra Pimentel; a consultora da Diretoria de Educação da Firjan SESI, Andrea Marinho; a coordenadora pedagógica da UnIBP (Universidade Setorial do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis), Beatriz Pelosi Martins; o fundador e CEO da Hire Now, Marco Antonio Bouhid; e a superintendente Acadêmica e de Operações de Filiais do IBEU, Vânia Furtado.

A diversidade de experiências colocou em perspectiva diferentes dimensões da formação profissional: da educação corporativa e desenvolvimento de talentos à preparação para as transformações tecnológicas e para um mercado de trabalho cada vez mais dinâmico.

O debate partiu do impacto da inteligência artificial sobre a educação e o trabalho. Andrea Marinho defendeu que a IA generativa seja incorporada ao ensino de forma planejada, crítica e com mediação docente. A tecnologia pode apoiar diagnósticos e personalizar a aprendizagem, mas ela alertou para o risco de ampliar desigualdades quando estudantes não dispõem de equipamentos ou internet. “Na educação, temos que escolher como ela entra em nossa escola”, disse.

Maíra Pimentel ressaltou que, apesar das incertezas trazidas pelas transformações tecnológicas, educação e desenvolvimento humano permanecem no centro da discussão. Para ela, a troca entre diferentes áreas e experiências ajuda a construir respostas para um futuro que exigirá novas competências e aprendizagem contínua. “No final é sobre pessoas”, sintetizou.

Na educação corporativa, Beatriz Pelosi ressaltou a importância de manter a formação conectada às transformações da indústria e às demandas concretas das empresas. Os programas são desenvolvidos em diálogo com especialistas e companhias, aproximando formação e prática profissional. Segundo ela, a interação com empresas e especialistas permite que a educação corporativa responda às mudanças tecnológicas e às necessidades efetivas do setor.

Marco Antonio Bouhid abordou os efeitos da IA sobre a empregabilidade e rejeitou a ideia de substituição generalizada de trabalhadores. Algumas funções tendem a desaparecer enquanto outras surgem. O desafio é identificar onde a tecnologia melhora processos e preparar as pessoas para utilizá-la. “A gente não vai perder pessoas, a gente vai perder alguns cargos”, afirmou.

Vânia Furtado destacou a importância do domínio do inglês que, mais que um diferencial, passou a funcionar como “infraestrutura de competências”, ampliando o acesso a conhecimento e oportunidades. Ela ressaltou ainda a necessidade de aprendizagem contínua e da aproximação entre ensino e empresas.

Os palestrantes fecharam o painel com uma conclusão em comum: sistemas e tecnologias podem ser adquiridos, mas desenvolver pessoas exige tempo e a formação precisa responder às competências demandadas pelo mercado, pois competitividade, inclusão e inovação dependem disso. Para o Rio, investir em formação e aproximar educação e empresas são condições para converter avanços tecnológicos em oportunidades de desenvolvimento.

Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa: pilares para um Rio mais inteligente, inclusivo e inovador



Roberto Godinho Lopes e Maíra Pimentel

Presidente e Vice-Presidente do Conselho Empresarial de Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa da ACRJ

O desenvolvimento sustentável e competitivo das cidades passa, inevitavelmente, pela qualidade de seu capital humano. Em um cenário marcado pela transformação digital, pela inteligência artificial, pela rápida evolução das competências profissionais e pelas profundas mudanças nas relações de trabalho, torna-se evidente que a construção de um Rio de Janeiro mais inteligente, inclusivo e inovador depende diretamente da capacidade de desenvolver pessoas, ampliar oportunidades e fortalecer uma cultura permanente de aprendizagem.

Neste contexto, o papel do Conselho Empresarial de Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ) ganha especial relevância. Nosso propósito é estimular o debate, a disseminação de boas práticas e a construção de soluções que conectem desenvolvimento humano, educação corporativa, produtividade, empregabilidade e competitividade empresarial.

O Rio de Janeiro reúne atributos singulares: criatividade, diversidade, potencial empreendedor, forte vocação para serviços, economia criativa, turismo, tecnologia, educação e inovação. Entretanto, enfrenta desafios importantes relacionados à qualificação profissional, à adequação entre formação e demandas do mercado, à inclusão produtiva e à preparação das organizações para os novos modelos de trabalho.

A cidade inteligente do futuro não será construída apenas por tecnologia, infraestrutura digital ou automação. Ela dependerá, sobretudo, de pessoas preparadas para aprender continuamente, adaptar-se às mudanças, colaborar, inovar e atuar com visão humanística, ética e sustentável.

Nesse sentido, a educação corporativa assume papel estratégico. Mais do que programas tradicionais de treinamento, ela representa um instrumento de transformação organizacional, desenvolvimento de competências, fortalecimento da liderança, aceleração da inovação e construção de ambientes de trabalho mais inclusivos e de alto desempenho.

As empresas, instituições de ensino, entidades empresariais, setor público e sociedade civil precisam atuar de forma integrada na construção de ecossistemas de aprendizagem capazes de reduzir desigualdades, ampliar a empregabilidade, estimular o empreendedorismo e preparar profissionais para os desafios da nova economia.

O Rio tem potencial para consolidar-se como referência nacional em desenvolvimento humano aplicado à competitividade econômica e à inovação social. Para isso, é fundamental fomentar políticas, programas e iniciativas que aproximem educação, mercado de trabalho, tecnologia, liderança humanizada e desenvolvimento sustentável.

Ao apoiar o IV Fórum Rio Empreendedor, o Conselho Empresarial de Desenvolvimento Humano e Educação Corporativa reafirma sua convicção de que investir nas pessoas não é apenas uma agenda social: trata-se de uma decisão estratégica para o futuro da cidade, para a força de suas organizações e para a construção de um ambiente mais inovador, inclusivo, empreendedor e competitivo.

CONSELHO EMPRESARIAL
DESENVOLVIMENTO HUMANO E EDUCAÇÃO CORPORATIVA
ACRJ

ibeu corporate



PAINEL

Liderança Feminina e Governança: Construindo um Ecossistema Empresarial Mais Inteligente para o Rio de Janeiro

A presença feminina em posições de liderança vem ganhando espaço, mas transformar essa evolução em mudança estrutural exige governança, oportunidades, redes de apoio e ambientes empresariais capazes de reconhecer trajetórias e competências distintas. Discutir liderança feminina também significa discutir a qualidade e a diversidade das decisões que moldam o ambiente de negócios. O painel partiu dessa perspectiva para aproximar experiências de diferentes setores e mostrar como o protagonismo feminino pode contribuir para um ecossistema empresarial mais inclusivo e inovador.

A conversa, que tratou de governança, protagonismo feminino e os caminhos para um Rio mais inteligente, inclusivo e inovador, foi moderada por Michelle Novaes, presidente do Conselho Empresarial da Mulher no Ambiente de Negócios da ACRJ. Participaram Niege Chaves, conselheira do BRT Sorocaba; Moira Toledo, vice-presidente de Administração de Imóveis e Condomínios do Secovi-SP e diretora de Risco e Governança da Lello Imóveis; Vânia Neves, conselheira do Grupo Ultra e do Pacto Contra a Fome; e Elen Souto, diretora Jurídica de Contencioso e Consultivo da Oi S.A..

"Quando uma mulher ocupa um espaço de decisão, ela não abre só a própria porta. Ela deixa a porta aberta para as próximas", disse Michelle Novaes resumindo uma das ideias centrais do debate.

Ao trazer a experiência do transporte público, Niege Chaves comentou a transformação de um setor historicamente masculino. Segundo ela, as mulheres já representam 35% do efetivo de sua empresa e ocupam diferentes funções. Referindo-se às cidades inteligentes, Niege afirmou que elas dependem de planejamento, participação da sociedade e gestão integrada. Ela destacou que transporte de qualidade, essencial para o bem-estar da população, não existe sem planejamento urbano. "A tecnologia é apenas um meio", registrou.

Destacando o avanço feminino no mercado imobiliário, impulsionado por núcleos de mulheres e programas de mentoria, Moira Toledo citou o exemplo da ADEMI (Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário), que criou o Conselho da Mulher em sua estrutura, e revelou que, em sua empresa, que tem entre seus focos de atuação a gestão condominial, quase 70% da equipe são mulheres. Sobre cidades inteligentes, ela afirmou que o ponto de partida deve ser sempre o bem-estar das pessoas e que governança é o que permite articular poder público, iniciativa privada e sociedade em decisões de longo prazo.

Vânia Neves defendeu que a responsabilidade social deixe de ser tratada como filantropia ou ação isolada e passe a integrar realmente a estratégia empresarial, considerando impactos sobre trabalhadores, comunidades e cadeias de valor. "Não há negócio que possa ser sustentável se o entorno e a comunidade não são dignos e saudáveis", afirmou.

A diversidade nas instâncias decisórias também foi apontada como fator capaz de ampliar perspectivas. Elen Souto observou que, apesar dos avanços, a presença feminina diminui nos níveis mais altos das organizações e ressaltou o papel das lideranças em abrir oportunidades para outras profissionais. Ela defendeu que a transformação comece no espaço de influência de cada liderança. "Temos que olhar para o nosso entorno. Cada um pode construir um pouco onde tem atuação", afirmou.

No encerramento, colaboração e responsabilidade individual convergiram como caminhos para avançar. Elen propôs que cada liderança olhe para quem pode trazer consigo; Niege ressaltou união e propósito; Vânia, a capacidade das organizações de gerarem impacto social; e Moira resumiu: "Nenhuma mente brilhante é melhor do que várias mentes juntas."

Mais do que ampliar numericamente a presença feminina, o painel apontou que governança, diversidade e colaboração integram uma mesma agenda para empresas e cidades mais inclusivas, responsáveis e conectadas à sociedade.

Rio Inteligente começa com pessoas

O papel do mercado imobiliário na construção de uma cidade humana



Michelle Novaes
Presidente do Conselho Empresarial da Mulher no Ambiente de Negócios da ACRJ

O debate sobre cidades inteligentes costuma ser associado à tecnologia, dados e infraestrutura digital. Esses elementos importam, mas não esgotam a discussão. Uma cidade se torna mais inteligente quando combina inovação, qualidade urbana e bem-estar para quem vive, trabalha e empreende nela.

O mercado imobiliário tem papel estratégico nessa construção. Habitação, espaços de trabalho, comércio, convivência e circulação dependem de decisões que influenciam a experiência cotidiana da cidade. Cada empreendimento, cada processo de revitalização e cada investimento ajudam a definir o modelo de desenvolvimento que queremos para o Rio.

O Rio de Janeiro reúne características singulares. É uma cidade de relevância global, com forte identidade local e dinâmicas urbanas diversas. Esse contexto torna o mercado imobiliário especialmente importante para impulsionar desenvolvimento, atrair investimentos e qualificar territórios. Persistem desafios conhecidos, como desigualdades entre regiões, entraves regulatórios e limitações de infraestrutura. Também existem oportunidades concretas em projetos que combinem retorno econômico, revitalização urbana e impacto positivo.

Nesse contexto, a perspectiva das mulheres ganha relevância. A experiência de viver a cidade varia conforme gênero, raça, renda, idade e território. Mulheres vivenciam de forma particular temas ligados ao cuidado, ao trabalho, à mobilidade, à segurança e ao acesso a serviços. Incorporar essas experiências ao planejamento urbano pode tornar projetos imobiliários mais conectados ao funcionamento real da cidade.

Pensar uma cidade mais humana exige observar como o ambiente construído influencia desenvolvimento, produtividade, convivência e qualidade de vida. Bairros integrados, usos urbanos diversos, acesso a serviços, espaços públicos vivos e segurança são parte dessa agenda. Também é necessário ampliar a presença de mulheres nos espaços onde essas decisões são tomadas, no setor imobiliário, no ambiente empresarial e nas instâncias de planejamento urbano.

A ACRJ reúne setores estratégicos para o desenvolvimento econômico da cidade. O Conselho Empresarial da Mulher contribui para ampliar a presença feminina em posições de liderança e fortalecer discussões que conectam negócios, inovação, participação e futuro urbano.

O futuro do Rio dependerá das escolhas feitas hoje sobre como investir, planejar e desenvolver a cidade. O mercado imobiliário está no centro dessas decisões. Construir uma cidade inteligente exige reconhecer que desenvolvimento urbano, inovação e qualidade de vida caminham juntos, com decisões orientadas por perspectivas diversas e pela participação das mulheres nesse debate.

CONSELHO EMPRESARIAL
MULHER NO AMBIENTE
DE NEGÓCIOS
ACRJ

kaselle





CRT-RJ

PAINEL

Eletromobilidade em Pauta: Inovação, Qualificação Técnica e Novos Negócios

A moderadora Stefania Aderaldo, do Conselho Regional dos Técnicos Industriais do Estado do Rio de Janeiro (CRT-RJ), e os painelistas Rodrigo de Freitas (Cefet-RJ e UFRJ), Marina Baltar (UFRJ) e Bruno Bragança (CRT-RJ) mostraram que a expansão da mobilidade elétrica representa muito mais do que a substituição dos veículos movidos a combustão. O avanço desse mercado exige planejamento urbano, infraestrutura adequada, profissionais qualificados, segurança nas instalações e abre um amplo leque de oportunidades para empreendedores e trabalhadores.

Ao destacar que a presença cada vez maior de veículos elétricos e híbridos nas ruas já faz parte da realidade brasileira, a moderadora disse que este cenário traz novos desafios para condomínios, empresas e cidades. Questões como a instalação segura de carregadores, a ampliação da infraestrutura de recarga e a preparação dos empreendedores para esse novo mercado passam a fazer parte da agenda de mobilidade urbana.

Rodrigo de Freitas apresentou um panorama da eletrificação de frotas e da transição energética. Segundo ele, em 2025, foram vendidos cerca de 20 milhões de veículos elétricos plug-in no mundo, sendo que o Brasil já possui cerca de 1,1 milhão de veículos eletrificados. No estado do Rio de Janeiro são cerca de 71 mil veículos, com um crescimento superior a 77% nas vendas entre 2025 e 2026. Apesar da evolução, o especialista ressaltou que o maior desafio brasileiro continua sendo a infraestrutura de recarga. Atualmente, o estado conta com 1.717 pontos públicos e semipúblicos, número que precisará crescer significativamente nos próximos anos.

O pesquisador também destacou as oportunidades de negócios surgidas com esse novo mercado, incluindo instalação e gestão de carregadores, operação de eletropostos, softwares para gerenciamento de redes de recarga e atendimento a frotas corporativas. As projeções indicam que, até 2040, o Brasil poderá alcançar 12,3 milhões de veículos plug-in, o que exigirá até 820 mil pontos públicos de recarga. Para atender essa demanda, haverá forte procura por técnicos industriais, engenheiros, instaladores, projetistas, especialistas em software e equipes de manutenção, com remunerações bastante atrativas.

A professora Marina Baltar defendeu que a transição energética depende muito mais das cidades do que apenas dos veículos. Para ela, energia, planejamento urbano e transporte precisam atuar de forma conjunta por meio de sistemas inteligentes capazes de conectar infraestrutura, veículos e usuários. Ela chamou atenção para os desafios específicos do Rio de Janeiro, como redes elétricas antigas, edifícios sem estrutura para carregadores e a necessidade de modernização da infraestrutura urbana. Citando os exemplos de Singapura, Oslo e Londres, Marina mostrou que planejamento antecipado, incentivos públicos e gestão inteligente da recarga são fatores decisivos para o sucesso da eletromobilidade.

Encerrando o painel, Bruno Bragança ressaltou que a qualificação profissional será determinante para garantir segurança e qualidade nas instalações. Segundo ele, sistemas de recarga devem ser projetados e executados exclusivamente por profissionais habilitados, respeitando as normas técnicas, a legislação vigente e as exigências do Corpo de Bombeiros. Bragança destacou a importância do Termo de Responsabilidade Técnica (TRT) e apresentou a Cartilha da Eletromobilidade, elaborada pelo Conselho Federal dos Técnicos Industriais (CRT), que orienta sobre instalações seguras, infraestrutura elétrica e valorização dos profissionais habilitados.

Para os participantes, a eletromobilidade já deixou de ser uma tendência para consolidar-se como um dos setores mais promissores para a inovação, a geração de empregos e o desenvolvimento econômico nas próximas décadas.



PAINEL

O Papel das Escolas Técnicas na Capacitação Profissional e na Inovação Tecnológica

O ensino técnico é capaz de transformar conhecimento em soluções concretas para a sociedade. Foi essa a premissa do painel mediado por Gilberto Palmares, presidente do Conselho Regional dos Técnicos Industriais do Estado do Rio de Janeiro (CRT-RJ), que reuniu os estudantes Cauã da Cal Azevedo e João Marcelo Lopes, da Escola Técnica Estadual Henrique Lage (ETEHL), em Niterói, além dos técnicos em Informática Vivian Arruda Cândido de Oliveira e Misael Santana, formados pelo IFRJ e estagiários do CRT-RJ.

Palmares afirmou que os estudantes das escolas técnicas são capazes de produzir inovação, desenvolver soluções e construir conhecimento voltado às necessidades reais da população, contribuindo diretamente para o crescimento econômico e tecnológico do Rio de Janeiro.

Os primeiros a se apresentarem foram os técnicos Vivian Arruda e Misael Santana, responsáveis, juntamente com uma equipe multidisciplinar de estagiários do CRT-RJ, pelo desenvolvimento do robô da entidade. Eles contaram que o projeto nasceu como um desafio para a 3ª Semana Estadual do Técnico do Rio de Janeiro e, posteriormente, evoluiu para uma versão mais robusta.

O trabalho exigiu a integração entre hardware, firmware e software, reunindo conhecimentos de eletrônica, programação e desenvolvimento de aplicativos. O robô passou a ser controlado por uma interface intuitiva para dispositivos móveis, utilizando joystick virtual, além de oferecer telemetria em tempo real para acompanhamento de sensores e diagnóstico do sistema. Mais do que o resultado tecnológico, os estudantes ressaltaram os aprendizados adquiridos durante o projeto, como a gestão de projetos, o trabalho em equipe, comunicação, sistemas embarcados e interação entre diferentes áreas do conhecimento.

Já os alunos João Marcelo Lopes e Cauã da Cal Azevedo emocionaram o público ao apresentar a história da maca hospitalar automatizada, controlada por comando de voz, um projeto que conquistou reconhecimento nacional e internacional.

A inspiração surgiu quando Cauã viu a dificuldade enfrentada por sua avó, que permanecia acamada. Conversando com seu pai, nasceu a ideia de desenvolver uma solução que proporcionasse maior autonomia a pacientes como ela. A parceria com João Marcelo, que estudava tecnologias de comando por voz, permitiu transformar a ideia em realidade.

Os estudantes realizaram visitas técnicas a hospitais, entrevistaram profissionais de saúde, levantaram referências bibliográficas e identificaram uma lacuna importante: não havia registros de macas ou camas hospitalares controladas por voz. A partir dessa constatação, desenvolveram uma interface simples, baseada em apenas quatro comandos – "cabeça", "pé", "levantar" e "abaixar" –, que permite que o próprio paciente controle os movimentos da maca, reduzindo a dependência de cuidadores, fortalecendo a autoestima e oferecendo mais conforto durante o período de internação.

O sistema também pode ser integrado a assistentes virtuais, como a Alexa, ampliando ainda mais a sua acessibilidade. Segundo os estudantes, o objetivo sempre foi criar uma tecnologia intuitiva, de fácil utilização e capaz de melhorar tanto a experiência do paciente quanto o trabalho das equipes de saúde.

O projeto ganhou projeção em importantes eventos de inovação, como a Rio Innovation Week, além de feiras em Brasília, Porto Alegre e Portugal. O reconhecimento internacional veio com a conquista do prêmio de Melhor Projeto Internacional durante a Mostra de Ciência do Porto, consolidando o talento dos jovens pesquisadores da Escola Técnica Estadual Henrique Lage.



Espaço RIO de educação

Situado em frente à ACRJ, na Rua Candelária, em um edifício de arquitetura marcante, o auditório da Fundação Getulio Vargas (FGV) passou por uma revitalização recente. Neste espaço, que integrou o IV Fórum Rio Empreendedor, palestrantes e participantes puderam interagir e trocar experiências em áreas como Educação, Saúde e Segurança Pública, entre outras.





PAINEL

Segurança Pública no Rio de Janeiro: Contexto do Crime, o Desafio dos Dados e da IA e Ações Inovadoras Municipais

A relação entre criminalidade, inteligência artificial e gestão pública foi o foco deste painel do IV Fórum Rio Empreendedor realizado no auditório da FGV no Centro do Rio.

Mediado por Marcio Colmerauer, da FGV DSPC, o debate reuniu Roberto Speicys, da FGV EAESP e FGV Analytics, e o secretário municipal de Ordem Pública de Niterói, o coronel da Polícia Militar Gilson Chagas. Eles apresentaram diagnósticos e soluções inovadoras para tornar a segurança pública mais eficiente.

Marcio Colmerauer explicou que a Fundação Getulio Vargas passou a aprofundar-se na área de segurança pública em 2018, ao identificar que, ao lado da economia, ela representa um dos maiores desafios do País. Segundo ele, o crime organizado está inserido em uma cadeia logística ilícita global, que movimenta drogas, armas, pessoas e outros mercados ilegais, tornando as organizações criminosas cada vez mais sofisticadas. Para enfrentar esse cenário, defendeu o uso inteligente de dados e modelos preditivos como essencial para utilizar grandes volumes de informações em apoio à tomada de decisões e no fortalecimento das instituições policiais.

Na sequência, Roberto Speicys apresentou projetos desenvolvidos pelo FGV Analytics que demonstram o potencial da inteligência artificial aplicada à segurança pública. Entre eles estão a identificação de veículos clonados por imagens de radares, a análise de transações imobiliárias para detectar possíveis casos de lavagem de dinheiro, a estimativa da população flutuante para mapear áreas de maior incidência criminal e a contagem automatizada de pessoas por meio de imagens captadas por drones. De acordo com ele, a integração de bases de dados e o uso de IA permitem gerar indicadores confiáveis para orientar políticas públicas baseadas em evidências.

Encerrando o painel, o coronel Gilson Chagas abordou a experiência de Niterói, cidade que melhorou seus indicadores de segurança após priorizar investimentos no setor a partir de 2013. O município ampliou o efetivo da Guarda Municipal, fortaleceu parcerias com as polícias Militar e Civil, criou um Centro Integrado de Segurança Pública com 932 câmeras inteligentes e implantou, em 2018, o Pacto Niterói Contra a Violência, estruturado em quatro eixos: policiamento e justiça, prevenção, ações territoriais integradas e participação cidadã.

Os resultados, consolidados pelo Instituto de Segurança Pública (ISP), mostraram uma queda consistente dos principais índices criminais. A letalidade violenta caiu para 60 casos em 2025, enquanto os roubos de veículos passaram de mais de dois mil registros em 2018 para 279 no ano seguinte. Os roubos a estabelecimentos comerciais também apresentaram forte redução, de mais de 400 para apenas 72 ocorrências no mesmo período.

O oficial considera que a combinação entre tecnologia, inteligência, prevenção social e integração entre instituições tem sido determinante para a redução da criminalidade e adiantou que este modelo continuará sendo ampliado nos próximos anos, incluindo mais ações voltadas aos crimes digitais e de trânsito.



PAINEL

A Formação de Lideranças na Saúde e na Educação para o Desenvolvimento das Competências na Gestão e seus Impactos diante das Metodologias Ativas

Mediado por Tania Furtado, coordenadora da FGV Saúde, o painel reuniu as docentes da instituição Roberta Privitera Torquato, Nazareth Ribeiro, Alessandra de Sá Earp Siqueira e Juliana Fontanezi para discutir como a educação executiva pode desenvolver lideranças preparadas para os desafios da gestão em saúde. O debate destacou o papel das metodologias ativas, do empreendedorismo, da inovação e da inteligência artificial na formação de profissionais capazes de transformar organizações e gerar impacto positivo na sociedade.

A mediadora provocou as palestrantes com uma pergunta central: como desenvolver competências de liderança e quais práticas são utilizadas em sala de aula para estimular o espírito empreendedor. Então, as docentes discutiram experiências que integram teoria e prática para formar gestores capazes de atuar em ambientes cada vez mais complexos.

Alessandra Siqueira defendeu que a liderança começa pelo reconhecimento de que cada profissional faz parte do sistema de saúde e pode contribuir para melhorá-lo. Segundo ela, a formação deve estimular o protagonismo, a visão sistêmica e o compromisso com a melhoria da qualidade de vida da população. A professora destacou que conceitos como *Learning Health Systems* (sistemas de saúde de aprendizagem), interoperabilidade de dados, inteligência artificial, Big Data, HealthTechs e dispositivos de monitoramento permitem construir um sistema de saúde mais eficiente e capaz de aprender continuamente. Ela ressaltou, porém, que nenhuma tecnologia substitui a conexão humana e a capacidade de engajar as pessoas em mudanças de comportamento.

Roberta Torquato apresentou a experiência trabalhada na disciplina "Estratégia Competitiva em Saúde", na qual os alunos desenvolvem modelos de negócios que, frequentemente, se transformam em empresas reais. Para ela, empreender exige propósito, planejamento, definição de metas e diferenciação competitiva. A educadora alertou que a inteligência artificial deve ser usada como ferramenta de apoio, sem substituir a análise crítica e o pensamento estratégico.

Juliana Fontanezi destacou que a liderança empreendedora vai além da criação de empresas. O mercado, segundo ela, busca profissionais capazes de conectar estratégia e operação, liderar pessoas, gerenciar crises, conduzir a transformação digital e utilizar metodologias inovadoras para resolver problemas reais. Nesse contexto, explicou que a FGV adota metodologias ativas, estudos de caso e ferramentas como o *Design Thinking*, transformando a sala de aula em um ambiente de experimentação e inovação.

Já Nazareth Ribeiro ressaltou que o diferencial da formação está na integração entre teoria e prática. Com professores que atuam no mercado, os alunos vivenciam situações reais envolvendo marketing, negociação, posicionamento estratégico e desenvolvimento de produtos. Simulações aproximam o ensino da realidade corporativa, sempre com ênfase na humanização, indispensável à gestão em saúde.

Encerrando o painel, Luiz Ernesto Migliora, diretor executivo do Instituto de Desenvolvimento Educacional da FGV, afirmou que saúde, qualidade de vida e empreendedorismo caminham juntos. Ele citou o intraempreendedorismo como competência essencial nas organizações e destacou que a felicidade no trabalho, aliada ao cuidado com a saúde física e mental, é condição indispensável para formar líderes capazes de promover inovação e desenvolvimento sustentável.



PAINEL

Modelos de Saúde para uma Cidade Inteligente

A saúde ocupa posição estratégica na construção de cidades inteligentes e sua transformação passa, cada vez mais, pelo uso intensivo de tecnologia, inteligência artificial e gestão de dados. Este foi o foco do painel moderado por Tania Furtado, coordenadora da FGV Saúde, que contou com a participação do deputado federal Daniel Soranz, ex-secretário municipal de Saúde do Rio de Janeiro; de Rodrigo Vilar, CEO da Iniciativa FIS; e de Marco Aurélio Nascimento, vice-presidente adjunto de Produção e Inovação em Saúde da Fiocruz.

Soranz afirmou que a capacidade de gerar e processar informações já influencia de 60% a 70% das decisões clínicas. Segundo ele, a implantação de um grande data lake na rede municipal permitiu integrar prontuários, monitorar protocolos médicos e identificar falhas nos tratamentos em tempo real. Como exemplo, citou o acompanhamento de cerca de 60 mil gestantes, em que foi possível verificar casos de hipertensão e garantir a prescrição adequada de medicamentos preventivos. Ele também ressaltou que o monitoramento da vacinação contra a bronquiolite contribuiu para reduzir pela metade os casos da doença neste inverno.

Outro destaque apresentado por Soranz foi o acompanhamento das pessoas vivendo com HIV. A integração dos sistemas de informação permite monitorar a adesão ao tratamento, localizar pacientes que interrompem o acompanhamento e promover ações de busca ativa pelos agentes comunitários de saúde. Hoje, cerca de 96% dos pacientes atendidos pela rede municipal apresentam carga viral indetectável, resultado que demonstra o impacto da inteligência aplicada à gestão pública.

Para o ex-secretário de Saúde, a inteligência artificial está revolucionando a prática médica. Ferramentas capazes de analisar exames, apoiar diagnósticos e acelerar o desenvolvimento de sistemas reduzem custos, aumentam a precisão e oferecem maior segurança aos profissionais da área. Soranz defendeu que a tecnologia não substitui os médicos, mas amplia significativamente a capacidade de tomada de decisão.

Marco Aurélio Nascimento ressaltou que as lições da pandemia precisam permanecer como referência para o planejamento das políticas públicas. Ele lembrou que o Brasil possui o maior sistema universal e gratuito de saúde do mundo e defendeu que o Rio de Janeiro aproveite sua vocação científica para consolidar-se como referência em inovação em saúde. Para isso, afirmou ser essencial utilizar big data e inteligência artificial sempre orientados pelos princípios da saúde pública, garantindo que os avanços tecnológicos promovam inclusão, qualidade de vida e o fortalecimento do SUS.

Já Rodrigo Vilar destacou a necessidade de integrar os diversos atores do ecossistema de inovação em saúde. Apesar da presença de instituições de excelência, como a Fiocruz, universidades e empresas privadas, ainda falta uma articulação capaz de conectar pesquisa, setor produtivo e poder público. De acordo com ele, a Iniciativa FIS reúne mais de 600 startups cadastradas e trabalha para criar um ambiente colaborativo que impulsione novos negócios, facilite o compartilhamento de dados e fortaleça o desenvolvimento de soluções inovadoras para a saúde.

Este debate também reforçou que a inovação depende, sobretudo, da capacidade de conectar pessoas, compartilhar conhecimento e transformar dados em inteligência para apoiar decisões estratégicas. A integração entre diferentes sistemas e instituições foi apontada como um dos principais desafios para consolidar um ecossistema competitivo e sustentável no estado.

No fim do painel, o presidente da ACRJ, Josier Vilar, apresentou a proposta de criação de um "navegador empresarial da saúde", inspirado em modelos internacionais de atração de investimentos. A iniciativa funcionaria como uma porta de entrada única para investidores interessados em instalar startups, hospitais, laboratórios e indústrias no Rio de Janeiro, conectando empresas, universidades e órgãos públicos. A proposta visaria a reduzir a burocracia, facilitar investimentos e fortalecer o complexo econômico, industrial e de inovação em saúde, consolidando o Rio de Janeiro como um dos principais polos do setor no país.



PAINEL

Cidades Inteligentes e Mobilidade Urbana Sustentável: Desafios para o Brasil

A construção de cidades mais inteligentes, conectadas e sustentáveis passa, necessariamente, pela mobilidade urbana. Esse foi o tema central do painel mediado por Marcus Quintella, diretor da FGV Transportes, que reuniu Gabriel Tenenbaum, diretor de Implementação para a América Latina da C40 Cities; Rodrigo Tortoriello, consultor especialista em Mobilidade Urbana e Mobilidade Ativa na Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP); Iuri Moura, gerente de Projetos no Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP Brasil); e Cristina Albuquerque, consultora em Mobilidade Sustentável na Vecta Mobilidade.

Marcus Quintella disse que o Brasil possui capacidade técnica para avançar na área de mobilidade, mas ainda enfrenta dificuldades relacionadas à continuidade das políticas públicas e ao planejamento de longo prazo. Segundo ele, investimentos e tecnologia só geram resultados quando estão associados a uma gestão eficiente e a estratégias bem estruturadas.

Cristina Albuquerque ressaltou que um dos principais desafios brasileiros é promover a integração entre os sistemas municipais, estaduais e federais de transporte. Para ela, a mobilidade eficiente depende de uma governança capaz de unir diferentes modais, reduzir sobreposições de linhas e facilitar a vida do passageiro. A especialista também defendeu novos modelos de financiamento e contratação para o setor, além da transição para ônibus elétricos, frisando que a modernização do transporte coletivo exige planejamento, investimentos e políticas públicas permanentes.

Gabriel Tenenbaum destacou que os desafios da mobilidade urbana são comuns às grandes cidades do mundo e estão diretamente ligados ao enfrentamento da crise climática. Representando a C40 Cities, rede que reúne quase 100 grandes metrópoles globais, ele apontou três caminhos fundamentais: a eletrificação das frotas, o fortalecimento do transporte coletivo e o incentivo à mobilidade ativa, com maior valorização dos deslocamentos a pé e por bicicleta. Para ele, cidades sustentáveis também precisam aproximar moradias, empregos e serviços, reduzindo a necessidade de longos deslocamentos.

Iuri Moura afirmou que uma cidade inteligente não pode ser definida apenas pelo uso de novas tecnologias, mas pela capacidade de ampliar o acesso da população às oportunidades. Segundo ele, a mobilidade deve estar no centro do planejamento urbano, com investimentos em transporte público de qualidade, integração metropolitana, infraestrutura para bicicletas e adaptação dos sistemas às mudanças climáticas. O especialista alertou que o transporte coletivo brasileiro enfrenta uma crise estrutural e que o modelo baseado exclusivamente na tarifa paga pelo usuário já se mostrou insuficiente. Nesse cenário, ele defendeu novas formas de financiamento e maior participação do poder público para garantir serviços mais eficientes, acessíveis e sustentáveis.

Rodrigo Tortoriello reforçou que é fundamental utilizar dados e inovação como ferramentas de apoio à gestão pública, garantindo que soluções digitais sejam inclusivas e atendam principalmente aqueles que dependem do transporte coletivo diariamente.

Ao longo do painel, os participantes também apresentaram experiências internacionais, como os avanços da Índia e do Chile na eletrificação de frotas e na continuidade de políticas públicas de mobilidade sustentável. Os exemplos reforçaram a importância do planejamento, da integração entre governos e da visão de longo prazo.

Como conclusão, os especialistas defenderam que cidades inteligentes não são construídas apenas com tecnologia, mas com planejamento urbano, boa gestão, cooperação institucional e políticas públicas que priorizem as pessoas. O desafio brasileiro é garantir deslocamentos mais rápidos, seguros, acessíveis e sustentáveis para toda a população.

Espaço

RIO de conexões

Este ambiente, dinâmico e interativo, instalado junto ao Espaço Rio de Ideias, tornou-se um ponto central de networking e geração de negócios. Durante os dois dias do IV Fórum Rio Empreendedor, o espaço apresentou projetos da ACRJ e do Instituto Mauá e o público, composto por empresários, micro e pequenos empreendedores e estudantes, pôde interagir com patrocinadores do evento e integrantes dos Conselhos Empresariais da entidade.











Espaço RIO de conversas

Este ambiente foi especialmente criado para receber palestrantes, patrocinadores e convidados especiais para um bate-papo sobre os principais temas discutidos no Fórum. As entrevistas foram conduzidas por estudantes de Comunicação Social, Jornalismo, Publicidade, Rádio/TV e cursos correlatos, que registraram depoimentos e ideias sobre o presente e o futuro do Rio. Aqui, os estudantes não assistiram; eles produziram.

Espaço

RIO de sabores

Promovido pelo Sebrae Rio, o Rio de Sabores valorizou a diversidade, a criatividade e o potencial dos pequenos negócios fluminenses. O espaço reuniu empreendedores dos segmentos de alimentação, moda e agronegócios, oferecendo uma experiência que foi além da exposição de produtos. O espaço, instalado na área externa do evento, foi concebido para aproximar produtores e consumidores, estimular conexões comerciais e destacar a qualidade, a identidade e a inovação presentes nos negócios do estado do Rio de Janeiro. Os visitantes tiveram chance de comprar artigos artesanais, roupas e acessórios, alimentos e bebidas, além de conhecer soluções desenvolvidas por micro e pequenos empreendedores da capital e de outras regiões do estado.







SEBRAE

Espaço RIO de sabores

O futuro do Rio também se constrói com solidariedade!

Na edição deste ano do Fórum Rio Empreendedor, a entrada foi gratuita com a opção de aquisição do ingresso solidário, no valor de R$ 50,00, que foi revertido para o Instituto Dara (https://dara.org.br/), que há mais de 30 anos desenvolve uma metodologia pioneira de combate à pobreza, atuando de forma integrada em áreas como saúde, educação, moradia, geração de renda e cidadania.

Além disso, o evento arrecadou roupas e brinquedos, destinados às famílias atendidas pela instituição. As lonas utilizadas no Fórum também foram encaminhadas para reciclagem, reforçando o compromisso da iniciativa com a responsabilidade social e ambiental.

Parceiros do Fórum Rio Empreendedor

A realização do IV Fórum Rio Empreendedor só foi possível graças ao apoio fundamental de nossos patrocinadores e apoiadores. Cada empresa que acreditou neste projeto contribuiu para fortalecer uma agenda que impulsiona inovação, desenvolvimento econômico e novas oportunidades para o Rio de Janeiro.

Mais uma vez, nesta edição, contamos com uma área especialmente dedicada aos patrocinadores, na qual puderam apresentar seus negócios, compartilhar soluções e estreitar relações com o público. Essa iniciativa ampliou a visibilidade das marcas presentes e reforçou a proposta do Fórum de construir conexões estratégicas e gerar oportunidades reais entre empresas e empreendedores.

A parceria estabelecida com essas instituições demonstra confiança no trabalho da ACRJ e reforça o compromisso conjunto de estimular o empreendedorismo e promover impacto positivo no ecossistema empresarial do estado.

O sucesso desta quarta edição reflete um trabalho construído a muitas mãos. Somos profundamente gratos pela presença, pela credibilidade e pelo investimento dedicado ao Fórum. Seguiremos cultivando essas parcerias e ampliando iniciativas que fortaleçam o ambiente de negócios do Rio de Janeiro.

IV FÓRUM
RIO empreendedor
Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora

ACRJ
A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

OURO

Fecomércio RJ
CNC Sesc Senac
Sindicatos | IFec | IFeS

Multiplan

VALE

PRATA

Light

BRONZE

Firjan SENAI SESI IEL CIRJ

Naturgy

BENAFER

REDE D'OR

MULTITERMINAIS

APOIO

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

EMPRESAS PARCEIRAS

CRT-RJ
Conselho Regional dos Técnicos Industriais do Rio de Janeiro

CTIOR

MONTEIRO ARANHA S.A.

Gabriel

IV FÓRUM
RIO empreendedor
Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora

ACRJ
A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

CONSELHOS EMPRESARIAIS PATROCINADORES

CONSELHO EMPRESARIAL **COMÉRCIO EXTERIOR** ACRJ

ibeu corporate

RIO BRASIL TERMINAL
An ICTSI Group Company

RIOgaleão

CONSELHO EMPRESARIAL **DESENVOLVIMENTO HUMANO E EDUCAÇÃO CORPORATIVA** ACRJ

ibeu corporate

CONSELHO EMPRESARIAL **INOVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL** ACRJ

MCPlus
Sua empresa de TI

Cit4Life

MAXXI AUTOMAÇÃO

CONSELHO EMPRESARIAL **LOGÍSTICA E TRANSPORTE** ACRJ

FETRANSCARGA

Logística Brasil
Brazilian Shippers Association

PROCEC ENGENHARIA

RIO ÔNIBUS
EMPRESAS DE ÔNIBUS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

CONSELHO EMPRESARIAL **MULHER NO AMBIENTE DE NEGÓCIOS** ACRJ

kaselle

CONSELHO EMPRESARIAL **VAREJO** ACRJ

Global IA

IV FÓRUM RIO empreendedor

Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora

ACRJ
A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

PAINEL PATROCINADO

CASTRO BARROS ADVOGADOS

GANDRA PIÁ ADVOGADOS

SABORES E SERVIÇOS

ATELIER DOS SABORES

CEDAE

Coco Legal

Lev

onn

Gravetos Crocantes

papel semente

Inovart Eventos

Smart café

WizMart MERCADO INTELIGENTE

floritech

INGOO

IV FÓRUM RIO empreendedor

Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora

ACRJ
A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

APOIO DE MÍDIA

Rádio Band News 90.3 FM 20 Anos

Diário do Rio

Manchete

96.5 tupi.fm

Correio da Manhã

APOIO INSTITUCIONAL

fis

gepp advogados associados

Governo do Estado Rio de Janeiro

Prefeitura Rio

INSTITUIÇÃO SOCIAL BENEFICIADA

Instituto DARA
Saúde e Desenvolvimento Humano

CORREALIZAÇÃO

FGV

PARCEIRO ESTRATÉGICO

SEBRAE

PRODUÇÃO

Instituto Mauá

Fórum Rio Empreendedor

O Rio de Janeiro foi palco de um dos encontros mais importantes sobre inovação, negócios e desenvolvimento econômico da cidade. Nos dias 22 e 23 de julho, a quarta edição do Fórum Rio Empreendedor teve como tema "Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora". Foram dois dias de painéis, ambientes imersivos e programação cultural. O evento foi uma realização da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), por meio do Instituto Mauá, com a correalização da Fundação Getulio Vargas (FGV) e apoio da FAPERJ.

"O Rio de Janeiro precisa retomar seu lugar de prestígio nacional e ser reconhecido como uma cidade inteligente para se Viver, Trabalhar, Empreender, Investir e Visitar. Para isso acontecer, tem que ser cada vez mais uma cidade conectada, acolhedora, digital e segura. Uma cidade que transforma, conecta tecnologia com pessoas, oportunidades com territórios. Onde jovens sonham, investidores confiam, gestores inovam e empreendedores criam e transformam. O Rio tem história, vocação e potencial para ser a principal liderança do amanhã do Brasil", afirmou o presidente da ACRJ, Josier Vilar.

Com este evento, a ACRJ consolida-se como uma plataforma estratégica de debates sobre inovação, desenvolvimento econômico, cidades inteligentes e competitividade urbana, reunindo lideranças empresariais, gestores públicos, especialistas, investidores e formadores de opinião.

A quarta edição aconteceu em três locais simultâneos do Centro do Rio: a sede da ACRJ (Rua Candelária, 9), a Fundação Getúlio Vargas (Rua Candelária, 6) e a própria Rua Candelária, com feira de rua reunindo produtores locais organizada pelo Sebrae Rio.

Fórum Rio Empreendedor: oportunidade de se conectar, gerar novos negócios, debater soluções e participar ativamente da transformação.

O Rio do futuro se constrói com diálogo, inovação e cooperação

O IV Fórum Rio Empreendedor mostrou que o Rio de Janeiro reúne conhecimento, criatividade, capacidade empresarial e instituições comprometidas com a transformação da cidade. As discussões realizadas ao longo dos dois dias deixam como legado ideias, conexões e propostas que devem continuar mobilizando o poder público, a iniciativa privada, a academia e a sociedade.

Mais do que registrar os debates realizados, este e-book reafirma o compromisso da Associação Comercial do Rio de Janeiro com a construção de uma cidade mais inteligente, inclusiva, inovadora e preparada para gerar oportunidades.

IV FÓRUM

RIO empreendedor

Rio, Cidade Inteligente, Inclusiva e Inovadora

ACRJ
A CASA DO EMPRESÁRIO
A CASA DE MAUÁ

Este e-book é uma publicação da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), sob a coordenação editorial da diretora executiva do Instituto Mauá Andréa Löfgren.

Equipe ACRJ:

Maria Fernanda Oliva - gerente Comercial e de Patrocínios
Cláudia Moreira - assessora de Comunicação
Luciano Centenaro e **Leonardo Lisboa** - designers
Adolfo Castro, Gabriel Ghiotto e **Estefan Radovicz** - fotógrafos

Colaboradores ACRJ:

Alessandro de Azevêdo Borges, Carolina Marques Cardoso de Souza, Cecília Pires Pereira, Claudia Celeste de Figueiredo Moreira e Souza, Edinaldo Silva, Flávio Mendes Martins, Lenilson da Silva Santos, Margareth Silva dos Santos, Michel Alves dos Santos de Mattos Ferreira, Michele Nogueira Corloskes, Renato de Sousa Lopes, Rodrigo de Souza Brito, Rodrigo Lima Chagas, Sabrina de Assis Goulart, Sumayá Ferreira Medina, Teresa Cristina Garcia Merrelho Monteiro, Valmir Fernando Pereira e Verônica Rodrigues Passos Ferreira.

Colaboradores e-book:

Igor Quintaes - edição e redação
Andréa Mury - redação e revisão
Isabela Albuquerque - redação
Eduardo Farias - projeto gráfico e diagramação